



AUGUSTO CURY

Filhos brilhantes, alunos fascinantes

Um livro que encantará
jovens de nove a noventa anos

)) Academia



Augusto Cury

Filhos brilhantes
Alunos fascinantes



Copyright © Academia de Inteligência 2006.

Capa: Ricardo Schwab

Revisão: Tulio Kawata

Diagramação: Globaltec

Conversão para E-book: Freitas Bastos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cury, Augusto

Filhos brilhantes, alunos fascinantes / Augusto
Cury. — São Paulo : Editora Planeta do Brasil,
2007.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7665-645-6

1. Ficção brasileira 2. Inteligência
3. Interação social 4. Juventude – Ficção
5. Pensamento 6. Qualidade de vida 7. Relações
interpessoais I. Título.

06-9214

CDD-869.93

2008

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Academia de Inteligência

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 | 3º andar – conj. 32B

Edifício New York | 05001-100 | São Paulo-SP

www.academiadeinteligencia.com.br

www.editoraplaneta.com.br

vendas@editoraplaneta.com.br

As razões deste livro

“Eu discordo! Protesto! Eu enxergo a vida de outro modo! Vamos construir o mundo de outra maneira!” Frases como essas sempre foram produzidas pela juventude mundial em muitas épocas da história. Agora os tempos são outros. A juventude se calou, se fechou, perdeu sua garra, seus sonhos, a capacidade de discutir, sua fé na vida, sua esperança num mundo melhor.

Os jovens sempre foram contestadores, sempre discordaram dos erros dos adultos, sempre lutaram positivamente pelo que pensam. Hoje é raro! Muitos deles amam o sistema social criado pelos adultos, sistema que os transforma em consumidores, que sufoca sua identidade e seus projetos.

É a geração que quer tudo rápido, pronto, sem elaborar, sem batalhas para conquistar. É a geração que não sabe unir disciplina com sonhos, que procura usar processos “mágicos” para lidar com suas frustrações, que tem dificuldade em pensar antes de reagir. Muitos jovens não têm proteção emocional. Alguns são derrotados por uma área do corpo que rejeitam, outros porque as roupas não caem bem e ainda outros pelas rejeições, ciúmes, medo da perda, timidez, provas escolares, decepções, crise na relação com sua namorada ou namorado.

No livro *Pais brilhantes, professores fascinantes*, publicado em vários países, falei com os pais, professores, psicólogos, pedagogos, médicos, sobre o mundo dos jovens. Fiquei feliz que centenas ou talvez milhares de escolas o tenham adotado.

Agora, através do livro *Filhos brilhantes, alunos fascinantes*, chegou a vez de falar não apenas com os adultos, mas principalmente com os pré-adolescentes, adolescentes e jovens universitários sobre a mente deles, seus conflitos e desafios. É diferente do livro anterior. Este livro, devido ao prazer dos jovens pelas aventuras, foi escrito como uma ficção.

As idéias de diversos pensadores, como Freud, Jung, Piaget, Vigotsky, Platão, Sócrates, Agostinho, Paulo Freire e outros, influenciaram a construção deste livro. Talvez em alguns textos você chore, em outros se encante e ainda em outros, viaje. Na realidade, eu o escrevi para jovens de nove a noventa anos.

Você vai se surpreender ao perceber que os filhos brilhantes e os alunos fascinantes não são aqueles que são sempre bem-comportados, que não falham, não choram ou não tropeçam. Mas, aqueles que aprendem a desenvolver consciência crítica, decidir seus caminhos, trabalhar seus erros, construir tolerância, reconhecer suas dificuldades. São os que choram, sim, quando necessário. E por que não? São os que constroem grandes sonhos e lutam pela concretização desses sonhos. E, acima de tudo, são os que dão uma nova chance para si mesmos e para os outros quando fracassam.

Você verá histórias de jovens e adultos que foram feridos pela vida, rejeitados socialmente, desacreditados, portadores de conflitos, mas conseguiram encontrar força na fragilidade e dignidade na dor. Eu mesmo tive de experimentar uma amarga experiência enquanto escrevia este livro. Permita-me contá-la para dar mais sabor ao conteúdo desta obra.

Antes disso, quero dizer que para mim o culto à celebridade é uma imaturidade da inteligência, pois cada ser humano, rico ou pobre, intelectual ou inculto, judeu ou árabe, artista ou espectador, é igualmente importante.

Certa vez, um jornalista fez uma matéria agressiva e completamente injusta sobre mim num órgão de imprensa que tenho em alta conta. Em vez de fazer crítica literária, ele usou

um linguajar que destilava raiva e sarcasmo. Não sei qual a raiz desse ódio, só sei que desrespeitou não apenas a mim, mas milhões de meus estimados leitores de todos os níveis culturais que sabem escolher o que lêem, dentre os quais inúmeros médicos, psicólogos, sociólogos, biólogos, professores, pedagogos, advogados, juízes de direito e cientistas que usam meus textos em vários países.

Devemos sempre criticar as idéias dos outros, mas nunca violá-las, pois não somos proprietários da verdade, não somos deuses. Como freqüentemente digo na teoria da *Inteligência Multifocal*, do ponto de vista filosófico a verdade é um fim inatingível.

A cada dez anos muitas verdades científicas caem no descrédito, perdem seu valor. O conhecimento é produzido num processo sem fim. O conhecimento considerado absurdo hoje poderá ser supervalorizado amanhã. Isso sempre ocorreu na história da ciência e da cultura. Por isso, a democracia das idéias é uma necessidade inevitável. Não é possível viver em liberdade sem respeitar os que pensam diferente de nós.

O jornalista entrevistou-me porque disse que era o autor brasileiro mais lido no país atualmente (época do lançamento deste livro), com mais de um milhão e duzentos mil livros vendidos, no último ano. Não entendo por que tenho tantos leitores, não mereço esse sucesso. Não tenho uma equipe de *marketing*, nem assessor de imprensa e moro longe dos grandes centros. Além disso, não tenho muito prazer de dar entrevistas, pois não sou celebridade e nunca serei. Sou apenas um psiquiatra e um simples pensador que procura ansiosamente entender o complexo teatro da mente humana.

Freqüentemente pergunto-me: como entramos na memória em milésimos de segundos e encontramos os endereços dos verbos, pronomes, substantivos, que constroem as cadeias de pensamentos? Cada ser humano, ao produzir um pensamento, realiza uma tarefa muito mais complexa do

que entrar na cidade de São Paulo de olhos vendados e encontrar uma determinada pessoa sem saber seu endereço.

Ricos, miseráveis, adultos, crianças, intelectuais, iletrados, enfim, todos nós somos mais complexos do que imaginamos. Há mais de vinte anos analiso o fantástico processo de construção de pensamentos e cada vez mais me convenço de que quase nada sei.

Não sou sábio, apenas procuro a sabedoria. Meu sonho é que todos os leitores, jovens e adultos, procurem a sabedoria e aprendam a escrever os capítulos mais importantes da sua história nos momentos mais difíceis da sua vida. Para mim, a sabedoria está morrendo num mundo lógico, consumista e imediatista. Por isso, as sociedades modernas estão se tornando uma indústria de estresse e doenças psicossomáticas.

Contei essa breve história para mostrar que também atravesso meus desertos como os personagens que vocês conhecerão neste livro. Quero mostrar, em especial aos jovens, que há períodos em que tudo dá certo na vida, recebemos apoios e aplausos. Há outros períodos em que fracassamos, somos rechaçados, frustrados e criticados justa ou injustamente.

Algumas pessoas jamais nos elogiarão, por mais que façamos um excelente trabalho, embora devessem pelo menos nos respeitar. Mas se não formos respeitados, o que fazer? Devolver a agressividade? Jamais! Veremos que os frágeis usam a violência, os fortes as idéias. Devemos respeitar essas pessoas e pensar como o filósofo Nietzsche pensou: “Aquilo que não me mata, me torna mais forte”. Para mim, as idéias são sementes. O maior favor que se faz a uma semente é enterrá-la...

Cada ser humano, mesmo os alunos que tiram notas baixas na escola, tem um potencial intelectual enorme para ser explorado. Para explorar esse potencial, devemos em primeiro

lugar aprender a debater o conhecimento e expressar sem medo o que pensamos e sentimos.

Em segundo lugar, devemos ter em mente que a grandeza de um ser humano está na sua humildade, na compreensão das suas limitações e na capacidade de se fazer pequeno.

Em terceiro lugar, precisamos explorar novos caminhos com coragem. Como sabiamente disse Alexandre Graham Bell, o inventor do telefone: “Se andarmos apenas por caminhos já traçados, chegaremos apenas onde os outros chegaram”.

Em quarto lugar, devemos conhecer que a arte de pensar em filosofia começa quando começamos a duvidar e criticar. Devemos aprender a duvidar das nossas falsas verdades e criticar as promessas políticas, a imprensa, o ensino em sala de aula, os livros, inclusive meus livros e minhas idéias.

Analise livremente tudo que lhes disserem e absorvam o que considerarem útil. Assim, não serão servos, mas líderes de si mesmos, verdadeiros pensadores que transformarão o mundo, pelo menos o seu mundo. *É no fogo da dúvida e da crítica que o ser humano adquire sua estrutura.*

Este livro começa com um professor de Beslan, uma escola da Rússia que foi massacrada por um ataque terrorista. Sofrimentos indecifráveis ocorreram em seu interior. Usei o drama real de Beslan nesta ficção, para que as lágrimas dos pais, dos professores e dos alunos dessa escola se tornem um memorial inesquecível.

Para mim, os professores (incluindo os pedagogos e os psicólogos da educação) são sacerdotes da inteligência e, portanto, os profissionais mais importantes da sociedade, e a escola é o seu lugar mais sagrado.

Neste livro, um professor da escola de Beslan, depois de se deprimir e desejar nunca mais pisar em sala de aula devido ao ataque terrorista que presenciou, deu a volta por cima. Saiu da sua crise, começou a revolucionar a sua vida e depois

alvorouçou outras escolas do mundo. Ele se tornou um especialista em provocar os seus alunos e fazê-los pensar.

Sócrates, o brilhante filósofo grego, provocava a inteligência dos seus discípulos através da sua fabulosa capacidade de perguntar e duvidar e, desse modo, formou espetacularmente um grupo de jovens de mentes livres entre os quais Platão, que aprenderam a amar o debate de idéias e que, por fim, influenciaram a humanidade. Os professores desta ficção usarão os princípios de Sócrates em sala de aula para abrir a mente de seus alunos.

Prepare-se para ser provocado e contagiado pelo professor Romanov. Ele é incendiário, agitador e superinteligente. É capaz de despertar os alunos alienados e fazê-los sonhadores. É capaz de contagiar os alunos tímidos e fazê-los intrépidos, corajosos. É também capaz de instigar professores desanimados e fazê-los vendedores de sonhos que viram de cabeça para baixo a sua escola.

Que neste livro você possa viver uma grande aventura, passear pelo mundo da ficção e encontrar um personagem importantíssimo que está nas entrelinhas desta história: você mesmo!

Augusto Cury

Bons filhos conhecem o prefácio
da história dos seus pais, filhos
brilhantes conhecem os capítulos
mais importantes das suas vidas.



Uma escola em crise

Havia uma certa escola apelidada de *Escola dos Pesadelos*. Trabalhar e estudar nela era um verdadeiro martírio. Os alunos viviam agitados, não se respeitavam, freqüentemente se agrediam. No semestre anterior, um aluno

havia ferido outro, deixando-o paraplégico com uma bala na coluna.

Muitos professores estavam ansiosos, deprimidos, amedrontados devido ao clima da escola. Os alunos viviam alienados, ansiosos e irritados. Para muitos, o último lugar em que queriam estar era dentro da sala de aula. Raramente alguém tinha interesse em aprender. Estudar, assimilar o conhecimento, fazer provas era uma chatice insuportável.

Os conflitos eram tão graves que diariamente se chamava o policiamento. A escola deixou de ser um canteiro de paz e se converteu num canteiro de medo. Nada parecia mudar o caos dessa escola.

Certa vez, um professor de física, que deu uma nota baixa para três alunos, foi ameaçado de morte. Temendo pela sua vida, abandonou a escola. Foi o décimo professor a desistir de trabalhar na escola no último ano.

Um novo professor de física foi contratado, Romanov. Tinha apenas 1,55m de altura, era franzino, magro e aparentemente tímido. Ao vê-lo, alguns alunos, com um sorriso sarcástico, pensaram: “Coitado! Esse não dura uma semana. Se o antigo professor, que tinha 1,90m e era musculoso, não suportou a ameaça, esse será facilmente dominado”, imaginavam.

No primeiro dia de Romanov um grave problema ocorreu. Um aluno agressivo e autoritário, apelidado de Gigante, colocou a lixeira da sala ao lado da porta para o professor tropeçar. Romanov entrou eufórico, estava animado em se apresentar, nem olhou para o chão. O pequeno professor jamais sofreu uma queda tão feia. Quase quebrou a perna.

A classe não conteve o riso, embora alguns tivessem pena do mestre. Romanov levantou-se serenamente, tirou o pó da calça e momentos depois fitou a face de toda a turma. Não disse palavra alguma, mergulhou num profundo silêncio. No começo, ninguém se aquietou. Os minutos se passaram e a platéia começou a ficar incomodada.

O silêncio do novo professor penetrou pouco a pouco na mente dos alunos e os inquietou. Nunca viram uma reação como essa. Esperavam broncas e sermões, mas foram inundados por um gritante e perturbador silêncio. Quinze minutos depois, todos estavam calados.

A grande lição

Acalmada a platéia, Romanov a chocou, soltou uns gritos incompreensíveis, que assustaram a todos os alunos. Após o choque, ele começou a fazer movimentos com as mãos, como se fosse um catedrático em artes marciais. Os olhos dos alunos não conseguiam acompanhar seus movimentos.

De repente, o professor virou uma cambalhota no ar. Os alunos, atônitos, não acreditaram no que viram, o espaço parecia tão curto para um movimento tão fantástico. Parecia um filme.

Finalmente entenderam que estavam diante de um grande mestre do karatê, um magnífico faixa preta. Romanov já ganhara inúmeras medalhas em muitas competições. Treinou os alunos a lutar e se dominar, era valente, corajoso e admirado. Mas deixou tudo para ser um professor.

E, como professor, queria treinar seus alunos a pensar sobre dois mundos, o mundo em que estão (o físico) e o mundo de que são (o psíquico). Após deixar a platéia embasbacada com sua habilidade, bradou com voz poderosa:

— Quem colocou o cesto do lixo para que eu tropeçasse?

Gigante se encolheu. Começou a tremer os lábios. Sua insegurança o denunciou. Aproximando-se dele, olhou firmemente nos seus olhos e abalou-o:

— O poder de um ser humano não está na sua musculatura, mas na sua inteligência. Os fracos usam a força,

os fortes usam a sabedoria. Que tipo de força você tem usado?
— perguntou o mestre.

Gigante não respondeu. O professor perguntou qual era o seu nome. O jovem falou rapidamente. Perguntou se ele tinha apelido. Ao saber seu apelido, o professor meneou a cabeça e fez uma pergunta para a classe:

— Quem agride os outros é fraco ou forte?

Romanov ensinava através da arte da pergunta. A arte da pergunta abria as janelas da mente dos alunos e os fazia pensar sobre vários ângulos um mesmo problema, desenvolvendo áreas nobres da inteligência. Queria que eles pensassem de maneira ampla e aberta.

Contrariamente ao que sempre acreditaram, a turma respondeu:

— Quem agride é fraco!

— Então aqueles que promovem guerras e atos violentos são fracos. Quem usa a agressividade e não a sua inteligência é frágil. — Em seguida, voltou para a classe e acrescentou: — Ainda, para mim o Gigante não é fraco, mas um grande ser humano. Tenho certeza de que ele tem um excelente potencial intelectual. Ele precisa somente descobrir esse potencial.

A platéia ficou paralisada com suas palavras. Atônitos, os estudantes se perguntavam: “Como ele conseguiu elogiar um aluno do qual todos os professores procuram manter distância?”. E, dirigindo-se ao Gigante, abriu-lhe a mente. Disse-lhe:

— Você me machucou, mas para mim você não é um problema nem um inimigo. Saiba que você não é mais um número na classe, mas um ser humano especial. Se você me permitir, gostaria de conhecê-lo melhor e ter a oportunidade de ser seu amigo. — Em seguida, estendeu-lhe a mão.

O pequeno professor tornou-se grande na personalidade do aluno violento, que não amava nem respeitava ninguém. A

imagem de Romanov foi arquivada nos solos do inconsciente de Gigante de maneira privilegiada.

A partir daí, Gigante, que detestava física, passou a curtirla. Quem ama seu mestre, ama a matéria que ele ensina. Quem não ama seu professor, dificilmente amará suas idéias. Romanov acreditava nessa tese.

Vários alunos também se comoveram com o episódio. Romanov não tinha apenas conhecimento lógico sobre física, ele conhecia o território da emoção, por isso era um professor fascinante, sabia resolver conflitos em sala de aula. Rompeu o ciclo da agressividade, começou a surpreender e tratar com gentileza seus agressores.

A Escola dos Pesadelos começou a receber os raios solares dos sonhos, o sonho da sabedoria, da generosidade, da fé na vida. A dor se transformou num golpe de amor no pequeno e infinito mundo de uma sala de aula. Para Romanov, a sala de aula é um pequeno mundo, porque o espaço físico, embora pequeno, é infinito, pois contém seres humanos complexos, indecifráveis, verdadeiros universos a se explorar.

As atitudes incomuns de Romanov se espalharam por toda a escola. No episódio de Gigante, ninguém acreditava que ele se calara e ficara emocionado em sala de aula. Já teve passagem pela polícia, era líder de um grupo que envolvia dezenas de alunos de outras classes e de outras escolas.

No começo, os demais professores começaram a estranhar o comportamento de Romanov. Uns acharam que ele delirava, outros pensavam que queria ser uma estrela na escola e ainda outros, que era um herói que estava assinando sua sentença de “morte”.

Cinco vezes murcharam o pneu do seu carro, três vezes riscaram toda a lataria. Recebia toda semana telefonemas anônimos de alunos ameaçando-o. Quase diariamente escreviam frases agressivas ou zombando com a cara dele nos muros da escola. Alguns alunos que não o conheciam, o

detestavam gratuitamente. No território da agressividade não se aceitava a sensibilidade.

O tempo passava e, apesar de todos os acidentes da jornada, Romanov perseverava e continuava incendiando a escola com sua mente afiada. Perturbados, os professores e alunos se perguntavam: de onde veio esse professor com um sotaque tão carregado? Como ele consegue reagir com inteligência em situações que só é possível entrar em desespero? Por que quanto mais ameaçado mais provoca o raciocínio dos alunos? Por que fala de sonhos? Não é isso careta, ultrapassado? Por que insiste em fazer uma ponte entre a sua matéria e a vida real?

O professor da escola de Beslan

Mais tarde, ficou-se sabendo quem era Romanov. O diretor começou a comentar a sua verdadeira identidade. Ele foi chamado especialmente para tentar aliviar os graves problemas da Escola dos Pesadelos. Romanov foi professor da escola de Beslan, na região do Cáucaso, na Rússia. Essa escola sofreu algo inimaginável, um ataque terrorista em setembro de 2004.

Professores e alunos foram feitos reféns. Penetraram no mais profundo vale do medo. Foram feridos e ameaçados. Passaram fome e sede, não era permitido sequer fazer suas necessidades, como urinar, em locais apropriados. Por fim, a tragédia aconteceu.

Com a invasão dos policiais na escola, tentando socorrer os alunos, deflagrou-se a violência dos terroristas. Centenas de crianças e adolescentes morreram. Jovens que brincavam, corriam, sorriam, enfim, estavam iniciando sua história existencial cheia de emoções, foram silenciados, fecharam

seus olhos. A humanidade parou. Depois dessa tragédia, as escolas no mundo todo nunca mais foram as mesmas.

Romanov foi ferido nesse ato terrorista. Recebeu uma bala na perna direita, mas se curou. Porém uma ferida jamais se fechou: as imagens de jovens inocentes sendo mutilados sem compaixão pelos adultos. Uma espécie que não cuida dos seus pequenos não tem como sobreviver.

Um dos alunos, Pavlov, o mais ansioso e irritado da sua classe, ao desfalecer em seus braços, disse as últimas palavras: “Obrigado, professor, por acreditar em mim. Obrigado por me fazer enxergar que a vida é um espetáculo”. Nesse momento, seu coração deixou de pulsar, sua respiração cessou. Romanov soluçava inconformado. Aos gritos, dizia: “O que fizemos com nossas crianças!”.

Por ser muito agitado e alienado, o jovem Pavlov perturbava freqüentemente sua classe. Apesar do tumulto que causava, o professor Romanov sempre pegava em seus ombros e dizia-lhe: “Aposto que você será um grande ser humano. Você ainda vai brilhar”. O elogio penetrava nos quartos mais escuros da sua personalidade.

De fato brilhou. Sua última frase era o sinal de alguém que abriu as janelas da sua mente e refletia sobre o teatro da vida. Para milhões de pessoas, a vida vale tão pouco. Para uns, uma conta bancária, para outros, uma ideologia política, mas para o jovem Pavlov e Romanov, a vida era um *show* fascinante que jamais deveria ser interrompido, a não ser por fatores inevitáveis.

Deprimido, Romanov não conseguia aceitar o drama da escola de Beslan. As cenas de terroristas sentados sobre bombas, gritando com as crianças e professores dizendo que iriam matá-los se eles não se aquietassem eram inesquecíveis. Amedrontados, faziam suas necessidades na frente uns dos outros.

Querendo separar a região da Chechênia do resto da Rússia, usaram crianças como objeto de barganha com o governo. Foram colocadas no epicentro de um conflito que não construíram e nem sabiam por que existia. Romanov não conseguia apagar da sua mente as imagens de cada um dos seus alunos que faleceram.

Queria abandonar a sala de aula, esquecer tudo o que ocorreu e se dedicar apenas às artes marciais, mas não conseguia. Queria encontrar um sentido para a sua vida, mas, atormentado, não conseguia. Queria encontrar um lugar em qualquer parte do mundo onde os jovens fossem felizes, livres e autores da sua própria história. Pensava em se mudar para esse lugar, mas quanto mais lia sobre o comportamento da juventude, mais se decepcionava.

Aos poucos, entendeu que o sistema social dos adultos cometeu crimes imperdoáveis contra os jovens. Entendeu que há um terrorismo psicótico que mata a vida, mas há também um terrorismo silencioso em todas as sociedades modernas, que não destrói o corpo, mas esmaga o prazer de viver, a criatividade, a inteligência crítica e a identidade das pessoas.

A juventude era bombardeada diariamente com propagandas para consumir produtos e não idéias. Esse bombardeamento perturbava milhões de pais e professores no mundo, em especial Romanov. O sistema “gritava”, nos comerciais de TV e demais setores da mídia, que os jovens deviam consumir celulares, tênis, computadores, *iPods*, mas não falava, nem timidamente, que eles deviam expandir a consciência crítica e a arte de pensar para ser livres dentro de si mesmos.

O veneno do consumismo criado pelos adultos era tão poderoso que os jovens não o contestavam. Ao contrário, queriam bebê-lo em doses cada vez maiores. Querendo apenas o prazer imediato, os jovens sufocavam seus projetos de vida. Não sabiam debater idéias, filosofar a vida, pensar nos

mistérios da existência. Não refletiam que a vida é belíssima, mas brevíssima. Por ser tão breve, cada momento deveria ser vivido de maneira solene e sábia. “Mas a sabedoria estava morrendo”, detectava Romanov.

Na escola de Beslan, os alunos foram reféns de terroristas violentos, mas nas sociedades modernas os jovens eram reféns de um sistema agressivo e controlador que destruía a capacidade de escolha e os valores da vida. Nunca houve tantos jovens aprisionados no território da sua emoção.

A sala de aula, um campo de batalha

Certa noite, ao acordar ofegante de madrugada, uma luz acendeu-se no interior de Romanov. Sentia que não podia fugir da sala de aula. Não podia enterrar seu passado. Teria de transformar seu trauma em adubo para cultivar as flores mais belas do sentido da vida e da inteligência.

Resolveu que o drama da escola de Beslan não seria apagado. Por amor à juventude e em memória de Pavlov e de todos os seus outros queridos alunos, resolveu que voltaria para a sala de aula e a transformaria no maior campo de batalha em favor da vida. Um campo de batalha que não formaria soldados para uma guerra, mas formaria pensadores apaixonados pela existência e pela humanidade. Um campo de batalha em que os alunos não tivessem apenas conhecimento de física, matemática, química, mas no qual aprendessem a lutar pelos seus direitos, contra a discriminação, consumismo, desigualdades sociais, violência e toda forma de terrorismo.

Romanov deixou as competições das artes marciais e se dedicou à física e principalmente em estudar e compreender o desenvolvimento da inteligência. Brilhou tanto que começou a ficar conhecido internacionalmente. Onde havia uma escola

com graves problemas, ele era chamado para provocar uma revolução na relação entre professores e alunos.

Dessa maneira é que foi parar na Escola dos Pesadelos. Por conhecer alguns fenômenos da construção da inteligência, ele sempre fazia duas solicitações à direção.

Primeiro, pedia que os alunos se sentassem em semicírculo. Enfileirar os alunos gerava timidez, inibição do raciocínio, bloqueio do debate de idéias. Para Romanov, enfileirar poderia contribuir para a disciplina militar, mas não para formar pensadores. O instigante professor não queria que seus alunos fossem uma platéia de espectadores passivos. A sala de aula deveria ser um teatro no qual professores e alunos seriam atores na produção de conhecimento.

Segundo, pedia que houvesse música ambiente durante a exposição das aulas, de preferência clássica, para que as notas musicais cruzassem com as informações em sala e assim melhorasse a concentração e a assimilação do conhecimento. No começo, os alunos queriam músicas agitadas como o rock, mas aos poucos educavam seus ouvidos e também aprendiam a apreciar a música clássica.

Terceiro, estimulava a arte da crítica e da dúvida contando histórias pelo menos a cada quinze dias em cada classe. A maioria das histórias era rápida, algumas mais prolongadas foram aqui descritas.

Três meses após a aplicação dessas técnicas defendidas por Romanov, os resultados eram visíveis. Ocorria uma diminuição substancial da ansiedade e a melhoria da concentração. Os alunos começavam a ter prazer de ir à escola.

Em toda escola em que o professor russo iniciava suas atividades, ele se comportava como um professor comum. Aos poucos, ia contagiando o ambiente. Não gostava de ser estrela, queria fazer os outros brilhar.

Uma escola precisando da sabedoria

Romanov não via sentido em bombardear os alunos com informações sem aplicar essas informações para ensiná-los a viver. Dar informações em excesso estressava os alunos, fazia da memória um depósito pouco útil que não estimulava a inteligência. Por isso, ele sempre dava lições usando a matéria que ensinava.

Para Romanov, educar era provocar a inteligência. Certa vez, numa determinada classe, provocou o raciocínio dos alunos com estas palavras:

— Não devemos enxergar apenas com os olhos da face, que só captam a luz exterior, as ondas eletromagnéticas. Precisamos também enxergar com os olhos do coração, que captam os pensamentos e as emoções das pessoas. Vocês conseguem descobrir as riquezas soterradas nas pessoas que os decepcionam? — perguntou Romanov, estimulando os alunos a fazer um debate de idéias.

— É duro conviver com pessoas complicadas — disse rapidamente Elisabete, uma das alunas da classe.

— Às vezes, nós é que somos complicados — brincou Romanov.

A turma sorriu. Em seguida, o professor aproveitou o momento e pediu que eles fizessem um exercício intelectual.

— Pense, nesse exato momento, durante apenas um minuto, em alguém que o chateou, o ofendeu, o rejeitou ou o traiu. — E, para espanto dos seus alunos, acrescentou: — Procure enxergar nele algumas qualidades que você jamais percebeu.

Alguns alunos expressaram baixinho: “Meus inimigos só têm defeitos”. Era raríssimo ver os alunos dessa escola refletir. Mas o ilustre professor os estimulou a sair do mundo físico e mergulhar no mundo psíquico. Por incrível que pareça, eles

ficaram pensativos. Passado um minuto, o professor perguntou:

— Alguém enxergou algo além da luz exterior? Alguém viu uma qualidade em quem só via erros e falhas? — perguntou o professor.

Quase todos levantaram as mãos. Viram, pela primeira vez, o invisível, o essencial.

— Alguém quer falar alguma coisa? — completou.

A platéia ficou emudecida. Entretanto, quando um aluno começou a falar, os outros se desinibiram.

Um aluno disse que passou a odiar um amigo porque ele roubou a sua namorada, mas sabia que ele tinha pontos bons na sua personalidade, embora nunca tenha aceitado suas desculpas. Outro, disse que detestava um professor que o chamou de estúpido, mas reconheceu que agiu com desrespeito com esse professor e descobriu que ele tinha algumas qualidades que não via.

Marcos se adiantou, respirou fundo e teve a coragem de falar das mágoas que tinha do seu pai.

— Eu não suporto meu pai. Só sabe falar gritando comigo. Pega no meu pé, vive tentando me controlar. Ele é engenheiro de estradas. Viaja muito e, quando chega em casa, não posso fazer nada que ele já me critica. Diz que eu atrapalho a vida dele...

Nesse momento, Marcos suspirou. Em seguida, continuou:

— Já pensei em sumir de casa. Eu e meu pai não podemos estar no mesmo ambiente sem discutir. Todavia, apesar das nossas diferenças, enxerguei nesse um minuto algo que nunca havia visto. Não deve ser fácil a profissão dele. Ele luta para que possamos sobreviver. Também percebi que às vezes ele se esforça em ser legal. Tenta aproximar-se, fazer programa junto comigo, mas eu sempre me afasto dele.

A classe percebeu que o professor ficou comovido com a história de Marcos, parecia viajar no tempo. Romanov perdeu seu pai com dezessete anos de idade. Teve de lutar muito para sobreviver, inclusive para superar a saudade. Queria ter tido tempo para descobri-lo, conhecê-lo e amá-lo mais. Enxugando as lágrimas com os dedos, ele olhou fixamente para o jovem Marcos e disse-lhe:

— Você tem o seu pai vivo. Tem o privilégio de se aproximar dele, conhecê-lo interiormente e corrigir as rotas do seu relacionamento. Eu não posso mais, pois perdi o meu pai tão cedo. — Em seguida, fez uma pergunta que atingiu muitos alunos: — Quem tem mágoa de seus pais ou suas mães levante as mãos? Sejam sinceros.

Para sua surpresa, mais da metade da classe levantou as mãos. Diante disso, fez mais uma pergunta que perturbou novamente seus alunos.

— Quem conhece profundamente seus pais e mães, suas angústias, seus sonhos, suas aventuras, seus dias mais alegres e mais tristes? — perguntou Romanov com profunda sensibilidade.

Jamais alguém lhes havia feito tal pergunta. As palavras de Romanov ecoaram na alma dos seus alunos. Ninguém se arriscou a levantar as mãos. Era uma situação triste. A grande maioria dos jovens não conhecia seus pais.

Parecia absurdo, mas essa era uma realidade mundial. Respiravam o mesmo ar e comiam dos mesmos alimentos, mas eram estranhos uns para os outros. Eles reclamavam das suas mães, criticavam seus pais, apontavam seus erros, mas não os conheciam.

Então, para ilustrar o assunto, o mestre, como sempre gostava de fazer, contou-lhes uma comovente história de um filho que, por anos a fio, tinha vergonha das cicatrizes do seu pai.

Um herói na cadeira de rodas

Havia um homem de 38 anos, que tinha enormes cicatrizes no rosto. Seu nome era Guilherme. Suas cicatrizes eram tão salientes que lhe deformavam a face. Em qualquer ambiente social em que ele entrava as pessoas ficavam chocadas com a sua aparência. Além disso, era paraplégico, andava numa cadeira de rodas. Guilherme era pai de Rodolfo, um garoto de 14 anos.

O jovem Rodolfo morria de vergonha que as pessoas vissem o rosto mutilado do seu pai. O menino cresceu tentando escondê-lo. Não convidava seus amigos para freqüentar sua casa, não o chamava para participar das reuniões e festividades da escola. O pai percebia as reações do seu filho e se calava.

Certa vez, Rodolfo contraiu uma forte gripe e faltou à aula. Nesse dia, um professor pediu para os alunos fazerem um trabalho em grupo que deveria ser entregue no dia posterior. Era uma luta contra o relógio. O grupo de Rodolfo, preocupado com a urgência do trabalho, apareceu de supetão na casa dele para avisá-lo. A mãe os recebeu e os introduziu na sala. Em seguida, foi chamar Rodolfo, que estava em seu quarto.

De repente, apareceu o senhor Guilherme numa cadeira de rodas. Ao olhar a sua face, os alunos receberam um choque. Em seguida, apareceu Rodolfo, que ficou abalado ao ver seus colegas com os olhos vidrados na face de seu pai.

— Não se preocupem, eu sei que sou bonito! — disse o senhor Guilherme, bem-humorado, tentando dissipar o espanto do seu filho e de seus colegas.

Eles sorriram, mas Rodolfo não relaxou. Queria fugir da sala, mas não era possível, o drama era inevitável. Seus colegas perceberam a doçura de um homem mutilado pela vida. Rodolfo estava tão acostumado a ver os defeitos exteriores do seu pai que nunca o enxergara como uma

pessoa sociável e cativante. Seus preconceitos impediam-no de ver a beleza escondida atrás das cicatrizes do seu pai.

Enquanto faziam o trabalho, os alunos tiveram algumas dúvidas. Resolveram pedir ajuda para o senhor Guilherme, que prontamente os atendeu e os deixou admirados com sua fantástica cultura. Ele lia mais de um livro por semana. Após terminar o trabalho, os colegas de Rodolfo gostaram tanto do seu pai que continuaram fazendo perguntas a ele. De repente, alguém fez uma pergunta fatal.

— Por que o senhor está numa cadeira de rodas? Como surgiram essas cicatrizes?

Rodolfo ficou vermelho, desejou esconder-se debaixo do sofá. Guilherme e sua esposa guardavam um segredo a esse respeito. Sabiam que um dia teriam de contar a verdade para Rodolfo. Esperaram que ele crescesse. Ultimamente os pais comentavam que seu filho já podia saber o segredo, mas não decidiram o momento.

Diante da pergunta feita por um dos alunos, os pais de Rodolfo se entreolharam. A mãe movimentou a cabeça e fez um sinal para o senhor Guilherme, estimulando-o a contar um dos mais importantes capítulos da sua história.

Com a voz embargada de emoção, o pai começou a contar uma intrigante história:

— *Meu filho, quando você tinha dez meses de idade, fomos passear num hotel-fazenda. O hotel era lindo, todo feito de madeira. Eu e sua mãe fomos fazer uma longa caminhada e deixamos uma babá cuidando de você. De repente, vimos ao longe labaredas de fogo na direção do hotel.*

Após uma pausa, o senhor Guilherme continuou:

— *Apressadamente, fomos ao local e vimos o hotel em chamas. O fogo havia-se alastrado rapidamente. Procuramos você e não o achamos. Ao ver a babá sozinha, entramos em pânico. Ela o havia abandonado para ir à piscina e teve medo*

de entrar no hotel para resgatá-lo. O tumulto era grande. As estruturas ameaçavam desabar.

Rodolfo estava atônito. Parecia estar vendo a cena.

— Desesperado, tentei entrar no hotel. Algumas pessoas me seguraram dizendo que era loucura, pediram-me para esperar os bombeiros que em breve chegariam. — E fitando, Rodolfo, seu pai acrescentou: — Sua vida era mais importante que a minha. Poderia morrer, mas lutaria por você.

O filho não suportou. Começou a chorar diante dessa dramática história. Nesse momento, uma colega o abraçou. O senhor Guilherme continuou:

— O calor era insuportável. Comecei a tossir muito. Em meio à fumaça e ao fogo eu felizmente o alcancei. Você chorava inconsolado. Eu o abracei, o protegi e bati em retirada. Quando estava para sair do hotel, tropecei num objeto no meio do caminho. Os bombeiros, que haviam chegado, o resgataram, mas, antes que me socorressem, uma viga central desabou sobre minhas costas, fraturando minha coluna. Com a queda, meu rosto tocou em brasas vivas e se queimou.

O senhor Guilherme parou a narrativa para enxugar suas lágrimas. Em soluços, ele disse com sensibilidade inigualável:

— Eu sei que as pessoas se espantam com minha face. Mas as cicatrizes que abalam as pessoas é o sinal do amor intenso que tenho por você.

Rodolfo, que havia derramado algumas lágrimas, começou a chorar em voz alta. Se antes sentia vergonha do rosto deformado do seu pai, agora estava sentindo vergonha do seu egoísmo. Em prantos, perguntou:

— Por que vocês não me contaram essa história antes?

— Eu e sua mãe resolvemos não lhe contar a verdadeira história para que você nunca achasse que por sua causa eu sou um parálítico e deformado. Queríamos que você vivesse a vida intensamente e sem traumas. Tinha medo de que você não voasse alto, por ter pena de mim. Não queria que sua

história fosse amarrada nas minhas limitações e em meus sofrimentos. Se eu errei, perdoe-me.

Rodolfo recordou de todas as vezes que tentava esconder seu pai dos seus amigos. Ele conhecia suas cicatrizes, mas não o conhecia por dentro. Entendeu que foi injusto e superficial. Profundamente arrependido, saiu da condição de um filho comum para ser um filho brilhante. Olhou nos olhos do seu pai e, como se visse o cerne do seu coração psíquico, expressou:

— Papai, eu é que peço perdão. Eu não o conhecia, mas agora meus olhos o vêem. Eu tinha vergonha de você, mas agora vejo que por detrás dessas cicatrizes há um herói que me amou intensamente e lutou por mim com todas as suas forças — falou Rodolfo, num profundo estado de imersão emocional.

Os seus colegas também não contiveram a comoção. Olharam para suas vidas e, num momento de reflexão, descobriram que conheciam pouco os seus próprios pais.

Em seguida, o jovem Rodolfo levantou-se e abraçou seu pai como nunca o fizera. Raramente um abraço foi tão comovente. Depois desse gesto, fez outro gesto que seu pai jamais imaginou que fizesse: beijou as suas cicatrizes.

O pai sabia que o filho o desprezava, mas tinha esperança de que um dia ele retornaria para seus braços. As imperfeições da face do seu pai, que lhe causavam aversão, tornaram-se a fonte mais excelente de orgulho. Desse modo, tornaram-se grandes amigos, escreveram uma nova história.

Estranhos que moram na mesma casa

Após contar essa história, o professor perguntou:

— Vocês conhecem o que está por detrás dos comportamentos de seus pais ou suas mães? Conhecem as

noites de insônia que eles tiveram por vocês? Conhecem os sofrimentos e as batalhas que eles enfrentaram por causa de vocês? Muitos filhos só entenderão que deveriam ter conhecido, amado e curtido mais seus pais, no dia em que eles fecharem os olhos para sempre.

— Eu perdi tempo — teve a coragem de dizer Romanov. E acrescentou: — Eu era um especialista em apontar falhas do meu pai e da minha mãe. Até que entendi essa frase que vou escrever na lousa:

Bons filhos conhecem o prefácio da história dos seus pais. Filhos brilhantes vão muito mais longe, conhecem os capítulos mais importantes das suas vidas.

E completou: — Os jovens que trabalham essa característica em sua personalidade desenvolvem a arte de ouvir, a arte de dialogar, a capacidade de se colocar no lugar dos outros, de superar conflitos e de desenvolver relações saudáveis e felizes.

Os alunos, entendendo o que seu mestre lhes estava querendo dizer, compreenderam que bons filhos conhecem o comportamento visível dos seus pais, filhos brilhantes conhecem suas lutas interiores, suas dificuldades, suas aventuras. Mas olharam para sua história e perceberam que não conheciam seus pais.

O próprio Romanov passou por essa situação. Seu pai era rígido, fechado, intolerante e superocupado. Vivia para o trabalho e não trabalhava para viver. Não tinha tempo para brincar e praticar esportes com ele. Punia-o por qualquer erro. Tornou-se um mestre em karatê para poder enfrentá-lo.

Um dia, resolveu investigar por que seu pai era tão rígido e calado. Descobriu coisas inimagináveis. Quando jovem, viveu o drama da Segunda Grande Guerra Mundial. Desvendou que seu pai passou fome, viu amigos sangrando e sofrendo nos campos de batalha.

Compreendeu, assim, que “ninguém pode dar aquilo que não tem”. Não era tolerante, porque fora criado num ambiente em que havia medo, miséria, insegurança. Quando entendeu o sofrimento que seu pai viveu na juventude, ele o perdoou.

O ilustre professor comentou que filhos brilhantes falham, erram, mas, apesar dos seus erros, são como garimpeiros que procuram ouro no subsolo da história de quem amam. Finalizou essa intrigante aula com estas palavras:

— Enxerguem o que está por detrás das cicatrizes dos seus pais, das suas manias, irritabilidade, impaciência. Cheguem em suas casas e perguntem pelo menos três coisas a eles: 1a) quais são seus sonhos mais importantes; 2a) quais foram os dias mais difíceis de suas vidas; 3a) quais foram os momentos mais alegres de suas histórias.

Na Escola dos Pesadelos os alunos começaram a compreender que a vida é um grande livro, mas pouco ensina para quem não sabe ler...

Bons filhos se preparam para o sucesso, filhos brilhantes se preparam para enfrentar derrotas e frustrações.



Romanov influenciou, pouco a pouco, muitos professores, entre os quais Sofia, a mudar seu estilo de aula. Não impunha suas idéias, mas as expunha. Sofia era uma professora de

história, muito enérgica. Aos poucos, começou a se descontraír em sala de aula e levar os alunos a enxergar a vida além dos textos.

Certa vez uma aluna, Margareth, foi muito mal numa prova de matemática. Quando Sofia entrou na sala de aula, viu sua aluna abalada. Sofia suavemente perguntou-lhe o motivo:

— Fui péssima na prova — disse Margareth desanimada.

— Não desanime, não deixe sua frustração dominar você, domine-a. Faça dos seus erros uma oportunidade para crescer. Na vida, erra quem não sabe lidar com seus fracassos.

— Eu não consigo. Eu queria ser uma engenheira, mas vou desistir... — retrucou Margareth.

Diante disso, Sofia fez um passeio pela sua matéria e resolveu contar uma história no final da aula para animar sua aluna frustrada, bem como toda a classe, a transformar seus invernos em primaveras.

Um surdo que produziu belíssimas músicas

Um dos gênios da música, Beethoven, se deliciava ao som do piano. Sua genialidade musical alçava vôos como as águias sobre montanhas e penhascos. O jovem Beethoven não precisava de grandes somas de dinheiro para ser feliz, queria apenas uma audição finíssima e um piano para compor suas músicas.

Tudo parecia sem atropelos em sua vida. Entretanto, o grande compositor que voava sobre as mais altas montanhas da criatividade sentiu-se rastejar pelos vales mais profundos da ansiedade. O que parecia impossível aconteceu: Beethoven começou a ficar surdo. Certa vez, ao pressentir que não distinguia algumas notas, ficou perturbado. Tentava massagear seus ouvidos para ouvir melhor, mas não havia melhora.

Procurou ajuda, mas pouco a pouco seus ouvidos entravam num indecifrável silêncio. Quando seus amigos o chamavam por detrás e ele não os ouvia, entrava em crise. O mundo desabou sobre o gênio da música.

A música inspirava sua vida, encantava sua emoção, irrigava sua inteligência e acalmava sua ansiedade. A perda era irreparável. À medida que os sons ficavam distantes, Beethoven se distanciou do prazer de viver. Isolou-se, angustiou-se, abateu-se.

Os recursos médicos ineficazes o levaram a uma profunda crise depressiva. Seus pensamentos agitaram-se como ondas rebeldes num mar bravio. Sua emoção tornou-se um céu sem luar, uma manhã sem pássaros a cantarolar. O mestre da música perdeu o sabor pela existência. Nada, nem ninguém, o animava. Deixar de ouvir músicas e compô-las era tirar-lhe o chão para caminhar, o ar para respirar. Beethoven, assim, cogitou em desistir de viver.

Certa vez, num estado de desespero, ele colocou a cabeça sobre o peitoral do piano e gritou: “Não! Não é possível!”. Ergueu a cabeça e começou a tocá-lo, mas nada ouvia. De repente, quando a emoção de Beethoven estava asfíxiada e parecia não haver mais esperança, o gênio da música resolveu virar o jogo e se tornar o gênio da vida. Determinou deixar de ser vítima dos seus sofrimentos e lutar pelos seus sonhos.

Algo brilhante aconteceu. No momento em que todos pensavam que seus sonhos tinham sido sepultados pelo inquietante silêncio da surdez, Beethoven decidiu enfrentar suas limitações e superar sua condição miserável. Apesar de o mundo ter desabado sobre ele, escolheu sobreviver. Decidiu não ser escravo da surdez e de seu desânimo.

— Muitos deixam de acreditar na vida quando passam por crises emocionais, sofrem perdas, atravessam dificuldades e desprezos — disse a professora Sofia para a atenta platéia. E

completou: — Mas, Beethoven, embora controlado por um forte sentimento de incapacidade, muito maior que o seu, Margareth, procurou superar-se. Procurou um sentido para a vida. Por incrível que pareça, a coragem e a sensibilidade dele o levaram a fazer o que ninguém jamais havia tentado fazer: compor músicas, apesar de surdo — falou enfaticamente a professora. Em seguida, continuou a discorrer sobre sua história.

Os amigos acharam loucura a atitude de Beethoven, fruto de quem está completamente derrotado e perturbado. “Beethoven deve estar delirando!”, alguns pensavam. Parecia impossível.

Um surdo desejar compor músicas é como um cego desejar pintar uma paisagem. Loucura! Todavia, aconteceu algo inimaginável. Com uma garra incansável, aprendeu a transformar seu caos num ambiente de refinada criatividade. Beethoven aprendeu a ouvir o inaudível.

O mestre da música colocava os ouvidos sobre os solos e os objetos e ouvia as vibrações das notas que dedilhava ao piano. No começo, tudo parecia confuso, não distinguia as notas. Mas, à medida que treinou seus ouvidos, as vibrações começaram a estabelecer uma relação com as notas musicais arquivadas em sua mente, que, por sua vez, abriram os arquivos da sua memória, dirigindo, assim, sua inventividade.

Desse modo, o inacreditável começou a acontecer. Com indescritível habilidade, Beethoven compôs belíssimas músicas apesar da surdez. Foi nesse período que ele compôs uma das suas obras mais famosas: a *5ª Sinfonia*.

Após contar essa história, Sofia olhou atentamente para Margareth e depois para toda a classe e disse-lhes:

— Quando os sonhos nos controlam, os surdos podem ouvir melodias, os cegos podem ver cores, os derrotados podem encontrar energia para continuar. Quando não havia solo para caminhar, Beethoven caminhou dentro de si mesmo,

não desistiu da vida, ao contrário, exaltou-a. Os sonhos venceram. O mundo ganhou.

Uma sociedade superficial

Ao terminar sua história, a professora comentou:

— A história de Beethoven ilustra uma das diferenças entre uma pessoa opaca e uma pessoa brilhante. Uma pessoa opaca é destruída pela dor, uma pessoa brilhante é construída pela dor. Infelizmente a maioria das pessoas piora à medida que sofre derrotas, perdas e decepções. Seu “eu”, que representa sua capacidade de fazer escolha, não amadurece. Elas se tornam mais agressivas, ansiosas, irritadas, desprotegidas, infelizes. Entretanto, uma minoria se torna mais calma e serena.

Sofia mostrou que a história do gênio da música tem princípios que deveriam ser observados por todos os alunos. Ele sofreu, se deprimiu, viveu intensa ansiedade, pensou em desistir de tudo, mas houve um momento em sua vida em que teve de parar de se lamentar para tornar-se autor da sua história.

— E vocês, sabem virar o jogo ou são especialistas em lamentar-se?

Os alunos pensaram e perceberam que muitas vezes lamentavam-se. Em seguida, Sofia disse que o processo de superação de Beethoven foi lento, mas, por investir nos seus sonhos, ele encontrou liberdade em suas limitações, força na sua fragilidade.

— Não se coloquem como vítimas da vida. Não se posicionem como miseráveis sem sorte e sem apoio das pessoas. Caso contrário, serão sempre frágeis e inseguros. Estou perplexa com a fragilidade da geração Harry Potter — disse enfaticamente Sofia. Os alunos engoliram a seco essas palavras. Em seguida, ela acrescentou:

— Não estou criticando a saga de Harry Potter, estou criticando a falta de proteção emocional dos jovens que amam a fantasia, mas não sabem lidar com fatos concretos. Muitos não sabem atravessar crises, pedir desculpas, falar dos seus sentimentos. Alguns se desesperam quando a namorada os abandona, outros quando um amigo os deixa e ainda outros quando passam por uma frustração.

Margareth respirou profundamente. Percebeu que havia tomado a pior atitude, a de se sentir uma miserável, incapaz, diante de uma derrota nas provas. Percebeu que deveria ter uma teimosia saudável.

— Quem lamenta suas perdas, olha para os seus pés, e quem olha para os seus pés, tem o mundo do tamanho dos seus passos. Vocês precisam levantar a cabeça, olhar para o horizonte e lutar pelo que amam — completou a professora.

— A sociedade nos prepara para o sucesso e não para enfrentar os fracassos, professora — disse João Paulo, que era um garoto tímido que raramente expressava suas opiniões.

A professora Sofia ficou entusiasmada com sua participação e seu raciocínio. Por isso, inspirada em Romanov, a professora concluiu sua história escrevendo uma frase na lousa:

Bons jovens se preparam para o sucesso. Jovens brilhantes se preparam para as derrotas. Eles sabem que a vida é um contrato de risco e que não há caminhos sem acidentes. Portanto, têm consciência de que ninguém é digno do pódio se não usar suas derrotas para conquistá-lo.

Após escrever essas frases filosóficas na lousa, arrematou seu pensamento dizendo:

— Este hábito contribui para desenvolver motivação, ousadia, otimismo, paciência, determinação, liderança, capacidade de superar fracassos e principalmente inteligência

para criar e aproveitar oportunidades. — E completou: — Despertem, queridos alunos! Como Beethoven, lutem pelos seus sonhos. Não tenham medo da vida, tenham medo de não vivê-la plenamente.

Os alunos não aplaudiam os professores. Mas ficaram tão envolvidos com o mundo das idéias de Sofia que não se agüentaram. Levantaram-se e aplaudiram-na vigorosamente.

Enquanto ouviam os sons das suas palmas, os estudantes se interiorizavam e num golpe de reflexão pensaram: só é digno dos aplausos quem aprender a lidar com humildade com as vaías que um dia receberá. Estavam aprendendo a pensar.

Bons filhos aprendem
com seus erros,
filhos brilhantes aprendem
com os erros dos outros.



Paixão virtual

Certa vez, um jovem amigo de Romanov, Davi, de 25 anos, o procurou para contar-lhe um problema que o deixava muito inquieto. Disse que estava apaixonado por uma pessoa que não conhecia.

— Como é possível? — perguntou Romanov.

Davi respondeu que estava apaixonado por uma pessoa com quem conversava pela Internet. Pensava o dia todo nela, mas tinha medo de que ela não se apaixonasse por ele. Romanov coçou a cabeça, franziu a testa, fez um momento de reflexão e procurou ouvir seu perturbado amigo. Após ouvi-lo, ele se perguntou: “Será que meus alunos também estão tendo essa experiência?”.

Na semana seguinte, após dar sua aula sobre trajetória dos objetos e força gravitacional, resolveu falar com os demais alunos de outra trajetória e de outra força, a da emoção e, mais especificamente, a força da paixão. De repente, fez um pedido que pegou de surpresa os alunos.

— Peguem um papel e, sem colocar seus nomes, escrevam se, pela Internet, já se apaixonaram por alguém que nunca conheceram, ou não, se nunca se apaixonaram.

A turma ficou num estado de euforia. Alguns começaram a pensar, “onde o professor Romanov quer chegar desta vez?”. Em cinco minutos o mestre da vida fez a apuração. Pensou que entre adolescentes a paixão virtual seria rara. Mas ficou pasmado. Cinco garotos e quatro garotas já tinham tido uma paixão na Internet. Um jovem escreveu que teve três paixões e outro, quatro.

Perplexo, Romanov explicou que as salas de bate-papo na Internet desinibiram o ser humano, trouxeram ganhos no processo de comunicação, mas, ao mesmo tempo, elas se tornaram um ambiente para simular sentimentos.

Comentou que várias pessoas disfarçam sua verdadeira identidade, quem são, o que realmente pensam, suas verdadeiras intenções. Conversam muito, mas se calam sobre si mesmos. Outras, entretanto, mais sensíveis, sinceras, e, às vezes, mais carentes, revelam seus sentimentos sem barreiras e criam fortes vínculos com quem está do outro lado da tela. Sem os conhecer fisicamente, elas o transformam em seu

príncipe virtual ou sua Cinderela virtual. Vivem uma paixão intensa.

O professor, procurando estimular a inteligência dos alunos, disse que na física quântica existe o princípio da incerteza, que demonstra que não é possível determinar o espaço e o tempo de um objeto simultaneamente, mas apenas um item de cada vez. Disse ainda que, na teoria da relatividade, espaço e tempo são relativos, mas, quando unidos, são imutáveis.

Após esse comentário, falou de um fenômeno complexo da mente humana. Disse que na psicologia existe o princípio da transformação. Relatou que toda vez que interpretamos o comportamento de alguém nós o transformamos. A interpretação distorce a realidade. Podemos aumentar, diminuir ou acrescentar algo à realidade do outro. Os alunos ficaram confusos. Ninguém entendeu nada.

— Um psicopata pode diminuir o valor das pessoas, controlá-las, sem jamais entender que elas são seres humanos complexos, que amam, sonham, têm aspirações. Por outro lado, uma pessoa hipersensível pode supervalorizar as pessoas, gravitar na órbita delas, atribuir-lhes características que elas não têm — disse o inteligente professor.

Nesse momento, os alunos começaram a entender como é difícil a construção das relações sociais. Em seguida, acrescentou:

— Cuidado, estimados alunos. Em alguns casos, a paixão pela Internet pode tornar-se um amor profundo, no qual existe troca e respeito de um pelo outro. Mas, na maioria das vezes, essa paixão não evolui, gera grandes decepções e sofrimentos. Em alguns casos, produz depressão e até idéias de suicídio.

Para Romanov, uma pessoa inteligente precisa quebrar a cara para aprender lições de vida, mas uma pessoa sábia não precisa freqüentemente errar, tropeçar, falir, passar por

vexames, para aprender lições de vida. Ela observa atentamente os erros dos outros e aprende com eles.

Para ilustrar seu pensamento, contou-lhes uma história para expandir o senso de observação da turma. A turma, mais uma vez, ficou embasbacada com sua criatividade e maneira de ensinar. Entraram na trajetória da emoção.

Um lobo virtual

Maria Júlia tinha 17 anos. Tinha várias colegas, mas nenhuma amiga. Acreditava facilmente nas pessoas, mas não gostava muito de se abrir. Não tinha proteção emocional, qualquer ofensa roubava-lhe a paz.

Embora fosse uma pessoa bela, como todo ser humano, era uma especialista em reclamar do seu corpo. Não gostava dos seus cabelos, do seu nariz, da sua pequena barriguinha e principalmente se martirizava porque achava que seus seios eram pequenos. Gastava uma hora diariamente para se arrumar em frente do espelho e sempre conseguia ver defeitos que não existiam.

Raramente se sentia bem com uma roupa. Tinha, portanto, a síndrome PIB, Padrão Inatingível de Beleza. Sua auto-estima era péssima. Apesar de Maria Júlia não gostar de conversar ao vivo com as pessoas, amava navegar na Internet. Parecia amiga de todo mundo.

Certa vez, conheceu na sala de bate-papo um garoto chamado Ronaldo. Ronaldo gostava de manipular as meninas com quem conversava. Contava coisas irreais, dizia-se apaixonado por elas, que nunca havia encontrado alguém tão afetiva, sensual, amável. Também alterava a sua idade: tinha 32 anos, mas falava que tinha 22.

Mentia ainda dizendo que era um milionário, mas se sentia uma pessoa infeliz. Na realidade, vivia em crise

financeira, detestava trabalhar, zombava da ingenuidade das pessoas. E como a tela aceita tudo, comentava que precisava da ajuda das garotas que queria conquistar. Elas se derretiam por ele e ele se divertia. Ronaldo era um psicopata virtual, alguém que não se importava com a dor dos outros nem com as conseqüências dos seus comportamentos.

Maria Júlia, no começo da relação pela Internet, não falava de sua vida particular. Mas, pouco a pouco, Ronaldo foi envolvendo-a. Passados dois meses, ela começou a achá-lo o melhor homem do mundo. Considerava-o o mais incompreendido dos seres. Eles moravam em estados diferentes. Devido à distância, trocavam fotografias. Ele dizia que nunca conheceu alguém tão linda como ela. Ela ficava fascinada. Parecia que sua baixíssima auto-estima foi resolvida num passe de mágica. Apaixonou-se por ele. Ficou obcecada. Não o tirava da cabeça.

No dia em que não conversava com Ronaldo, entristecia-se e tinha crise de ansiedade. O vampiro da Internet, após beber “sangue” emocional das garotas, se afastava delas. O desespero delas era a glória dele. Maria Júlia, que havia conseguido o telefone dele, não parava de telefonar. Mentindo, dizia que os seus problemas o impediam de conversar diariamente com ela.

A jovem começou a se deprimir, começou a ter anorexia nervosa, não se alimentava direito, não tinha prazer de viver e suas noites eram péssimas. Seus pais queriam que ela se afastasse da Internet e não telefonasse mais para ele. Mas Ronaldo tornou-se um deus para Maria Júlia. Ela criou no seu inconsciente a imagem superdimensionada dele. Tinha certeza de que ele era o homem da sua vida.

Quando Maria Júlia tentou esquecê-lo, Ronaldo apareceu como um predador. Elogiava-a, dizia que a amava, que ela era inesquecível. Ela novamente reacendeu sua paixão e insistia

em vê-lo fisicamente, mas ele dava mil desculpas. Esse vaivém começou a fazer parte desse romance doentio.

Os atritos com seus pais aumentaram. Ela se afastou dos amigos, que diziam que “o cara não prestava”. Ela só ouvia a voz da sua paixão platônica. Certa vez, pensou em morrer, tomou uma cartela de comprimidos. Foi levada ao pronto-socorro, sofreu muito, mas, felizmente, viveu e nem teve seqüelas.

Vendo a gravidade da doença da sua filha, seus pais relaxaram um pouco a guarda e deixaram-na continuar conversando com ele pela Internet. Ronaldo era usuário de cocaína, alcoólatra, teve várias passagens pela polícia, mas ela não sabia. A tela do computador é capaz de transformar um lobo num cordeiro.

O príncipe que nunca existiu

Meses depois, de tanto ela insistir, ele resolveu aparecer, mas queria vê-la a sós. Finalmente Maria Júlia encontraria “a pessoa mais encantadora do mundo”, pensava ela. Marcaram um encontro numa lanchonete no centro da cidade.

Ao vê-lo, ela correu para os seus braços, mas ele parecia uma pedra de gelo. Quando ela insistiu em beijá-lo, ele virou o rosto. Foi uma decepção atrás da outra. Ronaldo mascava chiclete com desdém e olhava para o movimento da rua, como se não se importasse com Maria Júlia. Ela insistia em conversar sobre eles, e ele mostrava aversão a essa conversa.

Quando ela disse que ele era tão diferente do Ronaldo da Internet, ele foi estúpido e secamente disse:

— Chega desse papo-furado e vamos logo para o motel.

Chocada com o desprezo dele e percebendo que durante quase um ano criou a imagem de uma pessoa que nunca existiu, ela se levantou subitamente e saiu perturbada. Nos

dias que se seguiram, voltou a ter outra crise depressiva. Punia-se muito e se achou a pessoa mais ingênua da Terra. Começou a se rejeitar mais ainda, achar-se feia, desprezível. Começou também a faltar à escola. Pela primeira vez, ela aceitou procurar a ajuda de um psicoterapeuta.

Na terapia, a psicóloga ajudou Maria Júlia a ter dignidade, separar a fantasia da realidade. Encorajou-a a sair da platéia e ser a atriz principal da sua história. Disse que não deveria deixar nada e ninguém controlá-la, só ela mesma. Comentou que por nada neste mundo ela poderia vender a sua liberdade.

Aos poucos, Maria Júlia se reergueu. Deixou de ser “pano de chão” do seu falso príncipe. Entendeu que o verdadeiro amor traz tranquilidade e prazer e não prisão e angústia. Meses após essa luta interior, começou a sentir-se mais livre, aprender a proteger sua emoção e a superar as zonas de conflito do seu inconsciente.

O Ronaldo de dentro morrera, o de fora ainda existia, mas não mais a interessava. Maria Júlia aprendeu uma importantíssima lição: deveria ter um caso de amor consigo mesma, antes de ter um grande amor fora dela.

Sem raízes, o amor vira uma catástrofe emocional

Após contar essa história, o professor Romanov perguntou:

— Por que a paixão pela Internet raramente tem raízes?

— Por que eles não conhecem de fato um ao outro — respondeu Paulo, que já tinha sofrido nessa área, embora não tanto quanto Maria Júlia.

Sentar em semicírculo estimulava o debate das idéias. Alunos que raramente falavam, começaram a expressar os pensamentos. Além disso, a música ambiente desacelerava os

pensamentos dos alunos e melhorava a concentração e o rendimento intelectual.

— Parabéns, Paulo! — elogiou o professor. — Quando os internautas apaixonados saem das telas e entram na vida real, começam a conviver com os defeitos, manias e conflitos uns dos outros e surgem crises. Se essa fase não for superada, o que era belo virtualmente vira uma catástrofe emocional.

O mestre estimulou seus alunos a que procurassem o amor brando, inteligente, regado com diálogo e temperado com respeito e cumplicidade. Em seguida, disse:

— Todo relacionamento no qual o ciúme é exagerado, em que um quer controlar o outro, não cria raízes, morre facilmente. Uma pequena dose de ciúmes é quase inevitável e aceitável, mas uma overdose de ciúme sufoca a relação, destrói completamente o amor — disse Romanov, como um mestre no assunto.

Alguns alunos tiveram nó na garganta com essas palavras. Eles controlavam suas garotas, não davam espaço para elas respirar, tinham ciúme até dos seus colegas. Entenderam que uma pessoa muito ciumenta não se valoriza, é insegura, vive sempre com medo de perder. O verdadeiro amor cultiva-se no terreno da liberdade.

De outro lado, entenderam também que todo relacionamento, como o de Maria Júlia, que é construído sem transparência, torna-se artificial e não suporta as mínimas tempestades da vida.

Romanov escreveu na lousa:

*Uma pessoa inteligente aprende com os seus erros,
uma pessoa sábia vai além, aprende com os erros dos
outros, pois é uma grande observadora.*

*Procurem um grande amor na vida e cultivem-no.
Pois, sem amor, a vida se torna um rio sem nascente, um
mar sem ondas, uma história sem aventura! Mas, nunca*

esqueçam, em primeiro lugar tenham um caso de amor consigo mesmos.

Todas essas frases ficavam por mais de uma semana na lousa. Os demais professores e alunos as copiavam em cartazes e as afixavam nos corredores da escola. Desse modo, a Escola dos Pesadelos ia, pouco a pouco, se tornando uma escola de sabedoria.

— No campo da afetividade não esperem errar muito para aprender grandes lições. Falhar nessa área sempre causa muita dor.

— Como você conhece bem essa área? — perguntou Gigante.

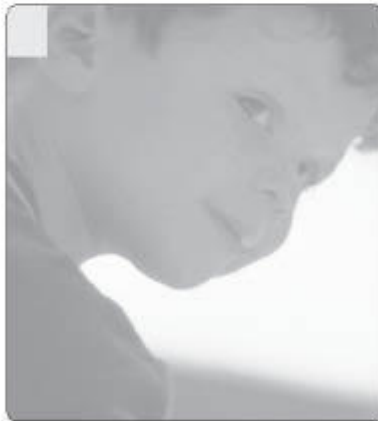
— Porque fui uma pessoa inteligente, mas não sábia. Não observei o erro dos outros, tive de aprender com os meus. Atravessei crises em meus relacionamentos e, como ninguém me orientou, tive de aprender sozinho, e a duras penas, a velejar no belíssimo e turbulento oceano da emoção.

Finalizando seu diálogo, o mestre disse:

— O mestre dos mestres certa vez disse: *amai o próximo como a vós mesmos*. Se não amarem primeiramente a si mesmos, nunca amarão verdadeiramente a alguém que está próximo de vocês. Muitos religiosos têm baixa auto-estima porque se tornaram carrascos de si mesmos.

Os alunos aplaudiram. Resolveram aprender a ser navegantes nas complexas águas da emoção.

Bons filhos têm sonhos ou
disciplina, filhos brilhantes
têm sonhos e disciplina.



O mais complexo dos planetas: a mente humana

O professor Romanov dava excelentes aulas de física. Certa vez, levou os alunos a compreender as poderosas forças do universo. Revelou a impressionante força gravitacional entre os planetas e

as estrelas. Comentou que muitas estrelas já foram destruídas e que a luz que víamos delas eram apenas os traços do seu passado. Disse ainda que no centro das galáxias existiam os fantásticos buracos negros, cuja força gravitacional era tão grande que sugava e destruía planetas e estrelas inteiros.

— Não duraríamos um milésimo de segundo se estivéssemos na proximidade desses buracos negros — comentou o professor para um extremamente atento grupo de alunos.

Falou que em muitos sistemas as estrelas e planetas se chocavam. Os alunos se arrepiaram, pois não sabiam disso. Pensaram na catástrofe se a Terra se chocasse com o Sol. Apenas a aproximação do Sol inviabilizaria a vida na Terra, imaginaram.

— Sabe quantas galáxias existem no universo? — perguntou Romanov. A maioria dos alunos não tinha a menor idéia.

— Um milhão — arriscou Leonardo, mas achava que estava exagerando.

— Muito mais — disse o professor. — Na realidade, hoje se sabe que há mais de cem bilhões de galáxias e a cada ano descobre-se um número maior. Moramos na Via Láctea, que é uma das inumeráveis galáxias do universo.

— E sabem quantos planetas e estrelas existem em cada galáxia? — novamente indagou o professor.

— Mais de cem — disse Júlia. Ela pensou que talvez houvesse apenas alguns sistemas solares dentro de cada galáxia.

— Mais de mil — respondeu Pedro.

— Erraram de novo. Em cada galáxia há milhões de planetas e estrelas. E imaginem que a Terra é apenas um desses planetas e o Sol é apenas uma dessas estrelas.

Os alunos ficaram perplexos. Nunca refletiram que o universo fosse tão grande. Todos faziam uma viagem espacial fantástica. Todos estavam vibrando, exceto uma aluna: Cláudia. Sua cabeça estava baixa, seu semblante entristecido. Cláudia parecia estar em outro planeta. E estava. Estava no mais complexo dos planetas, no planeta da sua mente, viajando nas suas idéias perturbadoras. Ultimamente ela estava ansiosa, sem concentração e roía as suas unhas.

Percebendo-a cabisbaixa, Romanov delicadamente perguntou:

— Querida Cláudia, o que está acontecendo? Você parece tão distante.

Cláudia levantou sua cabeça lentamente. Fez um momento solene de silêncio. Em seguida, como já havia aprendido um pouco com Romanov a não ter medo de falar o que pensa, respondeu:

— De que adianta conhecer as forças do universo se não tenho força para resolver meus problemas pessoais?

Romanov ficou chocado com seu raciocínio inteligente e realista. Em seguida, como se quisesse pôr para fora aquilo que a sufocava, Cláudia acrescentou:

— De que adianta conhecer outros planetas se nesse planeta há tantas misérias sem solução? O que me motiva a discutir sobre as imensas galáxias que estão a milhões de anos-luz, se o pequeno espaço da minha casa é um mundo opaco, se vejo meu pai triste, sem emprego fixo, sem condições de sobreviver e, pior ainda, sem esperança?

Os alunos ficaram abalados com sua resposta. O professor de física engoliu a seco as palavras de Cláudia. Ele pensou: “Ela tem razão. Por um lado, conhecer o universo era importante para as pesquisas científicas, mas, por outro lado, muitas vezes a ciência está longe da realidade das pessoas, do mundo real e concreto dos seus alunos”.

Romanov sabia que a ciência estava gerando gigantes na informação mas meninos na maturidade emocional, na

formação como seres humanos. O sistema educacional do qual ele fazia parte estava seco, frio, distante, desumanizado.

Não poucos alunos da Escola dos Pesadelos eram financeiramente pobres. Alguns pais estavam desempregados ou subempregados, outros ganhavam tão pouco que mal conseguiam ganhar para sustentar sua família. Algumas mães deixavam de se alimentar para que seus filhos comessem um pouco melhor. Alguns pais não dormiam pensando no futuro dos seus filhos.

As dificuldades dos pais eram tão grandes que muitos alunos não tinham esperança de ter sucesso profissional. Pensavam que repetiriam a história deles, seriam humilhados, atravessariam crises financeiras, teriam pouco conforto. Como Cláudia, pensavam: “Se meus pais não tiveram oportunidades para ter melhor qualidade de vida, dificilmente as teremos”.

A esperança dos jovens era o estudo. Entretanto, os alunos saíam com um diploma nas mãos, mas a grande maioria não mudava suas histórias. Devido às aulas serem frias e distantes da realidade dos alunos, eles não desenvolviam espírito empreendedor, ousadia, sonhos, capacidade crítica de pensar, habilidade para superar frustrações.

Mesmo nas escolas cujos pais eram ricos, os alunos saíam despreparados para os desafios da vida. Eles passavam nas provas curriculares, mas não nas provas sociais. Não sabiam enfrentar seus problemas. Cresciam na sombra dos seus pais, não eram autores da sua história. Muitos se tornavam torradores de herança. Eram poucos os que escapavam do velho ciclo da riqueza: *avô rico, filho nobre, neto pobre*. Muitos filhos de nobres conheciam o sabor da escassez e da miséria.

Romanov, por um lado, estava abalado com o pessimismo e realismo de Cláudia, por outro lado, estava feliz pela sua coragem de criticá-lo, de questionar sua postura em sala de

aula. Os alunos estavam aprendendo a debater idéias, questionar seus mestres, criticar o conhecimento e sua utilidade. A Escola dos Pesadelos estava se tornando um canteiro para cultivar a inteligência e não um depósito de informações.

Levando os alunos a usar a força interior

O pensamento de Cláudia levou o professor a se interiorizar e mudar os rumos da aula. Começou a aplicar a física na vida diária. Comentou que há trilhões de planetas e moramos em um deles.

— É importante conquistar o espaço, mas não sabemos cuidar do nosso pequeno espaço, do nosso intrigante planeta. Anualmente novos rios eram poluídos, espécies são extintas e a temperatura global aumenta.

O instigante professor queria entrar no drama de Cláudia, mas ainda não era o momento. Fez algumas órbitas em outros assuntos, e acrescentou:

— Pensem um pouco. Apesar de sermos tão pequenos nesse imensurável universo, somos tão orgulhosos, estúpidos e agressivos, a ponto de nos acharmos donos do mundo. Na realidade, não somos donos de nada, nem da verdade, nem da nossa própria vida. Desenvolvemos tecnologias para nos comunicar com o mundo, para produzir veículos e construir edifícios, mas não desenvolvemos tecnologia para dialogar, para ser tranquilos, alegres, felizes. Usamos a força para fazer guerras físicas ou guerras comerciais, mas não usamos a nossa força para dominar nossa ansiedade, intolerância, desespero, desesperança.

Os alunos começaram a desenvolver inteligência crítica sobre esses sérios assuntos. O professor admitiu publicamente que Cláudia tinha razão e acrescentou:

— Nós nos preocupamos tanto em informar que esquecemos de formar. O conhecimento está aqui para servi-los e não para que vocês sirvam o conhecimento. Mas, invertemos os valores. — E a estimulou perguntando: — De onde provém a maior força de um ser humano?

Cláudia pensou, pensou, mas não soube responder.

Depois, perguntou para a classe.

— Dos seus músculos — Helena respondeu.

— Da sua força de vontade — disse Júlia.

O professor parou no meio da classe e afirmou:

— Dos nossos sonhos. Sonhos não são desejos. Desejos evaporam no calor das dificuldades, sonhos resistem às altas temperaturas. Você tem sonhos, Cláudia? — perguntou o professor.

A resposta veio rápida e direta. Romanov foi novamente pego de surpresa.

— Minha mãe é doente, mas tem de trabalhar. Meu pai tem crise asmática, às vezes sente intensa falta de ar e, por isso, falta-lhe emprego, não tem trabalho fixo. Estou com 16 anos. Sou uma menina pobre, de origem pobre, que vive num ambiente pobre. Não está vendo os remendos de minha saia? Faz um ano que não compro uma roupa nova — falou Cláudia desabafando.

Em seguida, uma gota de lágrima escapou de seus olhos. Comovida, ela acrescentou:

— Tenho medo de sonhar. Não sonho porque acho que meus sonhos se converterão em frustrações.

Romanov esfregou as mãos no rosto. Ficou com compaixão de sua aluna. Mas não podia sentir dó dela, pois o sentimento de dó não a estimularia a ter fé na vida e em sua capacidade de lutar. Então, olhou firmemente em seus olhos úmidos e repetiu as palavras que sempre falou para Pavlov antes de ele morrer no ataque terrorista em Beslan:

— Eu aposto que você vai brilhar, Cláudia, e se tornar um grande ser humano. Não tenha medo de se frustrar, tenha medo de não sonhar.

Em seguida, escreveu na lousa algumas frases e pediu para todos os alunos proclamá-las como se fossem sua bandeira, seu norte:

Os sonhos não determinam o lugar onde vocês vão chegar, mas produzem a força necessária para tirá-los do lugar em que vocês estão. Sonhem com as estrelas para que vocês possam pisar pelo menos na Lua. Sonhem com a Lua para que vocês possam pisar pelo menos nos altos montes. Sonhem com os altos montes para que vocês possam ter dignidade quando atravessarem os vales das perdas e das frustrações.

Os alunos ficaram abismados com esses pensamentos. Cláudia caiu num estado de reflexão. Como uma sedenta de água, queria extrair dessas frases cada gota que delas emanava.

Percebendo seus alunos pensativos, o professor colocou mais lenha na fogueira das idéias. Para finalizar a aula, contou uma das histórias mais comoventes e encorajadoras que conhecia.

O câncer físico e o câncer emocional

Romanov disse que, certa vez, na Austrália havia uma jovem chamada Karen. Ela era sociável, bem-humorada, divertida, supervalorizava seus longos cabelos loiros e tinha um grande sonho, o de ser médica pediatra, mas era indisciplinada, não estudava para as provas, não lia livros, não tinha garra. Os amigos não davam nenhum crédito a ela quando dizia que ia ser pediatra.

A bela e alegre Karen vivia sua vida sem grandes tempestades, até que passou pelo mais dramático vendaval, pela mais angustiante experiência. Enquanto brincava e corria na praia num final de semana com seus amigos, sentiu tonturas e levou subitamente um tombo na areia.

Os amigos deram risadas pensando que ela tropeçara. Mas não tropeçou. Simplesmente teve vertigem, ficou tonta, perdeu o equilíbrio e caiu sem controle. Sua face se chocou com o solo fortemente e ficou impregnada de grãos de areia. Como demorava a se levantar, os amigos, abalados, a socorreram. Passado o susto, divertiram-se e Karen ainda curtiu a praia naquele dia.

Todavia, posteriormente, começou a ter alguns sintomas que preocuparam seus pais. Feitos alguns exames, diagnosticou-se que Karen infelizmente tinha um tumor cancerígeno. Como contar a ela? O que falar?

— Às vezes, dar certas notícias provoca um terrível nó na garganta, sufoca a emoção. Saber falar uma informação negativa irrigando quem está ouvindo com esperança é uma arte e nem sempre se consegue. Karen precisava estar consciente da sua doença, pois tinha de se tratar, fazer cirurgia, mudar sua rotina — disse o professor Romanov.

Quando os seus pais, junto com seus médicos, lhe falaram a respeito da sua doença, o mundo desabou sobre ela. Não parava de chorar. Seu pai, em prantos, a abraçou. Sua mãe também a abraçou e lhe disse:

— Vamos vencer, juntos, o tumor! Tenha fé em Deus, tenha fé na vida, minha filha. Você é forte! — E a beijava sem parar.

Passado o desespero, ela sentiu-se mais consolada. No dia seguinte, seus pensamentos ficaram inquietos, perturbados, acelerados. Não parava de pensar no câncer. Tinha um namorado que, no começo, lhe deu força. Mas o

medo de nunca mais beijar seus pais e de não abraçar seus amigos e namorado asfixiava seu ânimo.

Romanov comentou que Karen precisava lutar contra um inimigo que não via e que estava dentro dela. Passou por uma grande cirurgia e teve de mudar alguns dos seus hábitos por causa de um longo tratamento, incluindo radioterapia. Os seus cabelos longos e loiros enfraqueceram as raízes e começaram a cair.

Perdeu o ânimo de se vestir, de se cuidar. O sorriso já não era tão freqüente. Não apenas o medo da sua doença a rondava, mas passou a se sentir feia, diminuída e rejeitada. Faltava-lhe auto-estima, sobrava-lhe desânimo.

— Muitos de vocês têm saúde, mas não a valorizam, têm o mundo para explorar e conquistar, mas se sentem desanimados, sem coragem para lutar pelo que amam — ponderou o professor. A turma foi pega de surpresa com essa observação. Cláudia ficou pensativa.

Relatou que Karen colocava um chapéu na cabeça para disfarçar a queda de cabelo, mas todos sabiam que eles ralearam, afinal de contas eram grandes e vistosos. O namorado a abandonou, só aparecia de vez em quando. A menina extrovertida começou a se isolar e se deprimir. Perdeu o prazer de ir à escola. Colocava as mãos na cabeça e pensava: “Todos zombarão de mim”. Construiu, sem perceber, alguns conflitos que a bloqueavam.

Suzan, uma grande amiga, foi visitá-la e percebeu seu indecifrável sofrimento. Com muito respeito, ela comunicou seu conflito aos colegas de classe. Eles ficaram profundamente sensibilizados pela amiga. Mas não sabiam o que fazer para que ela não se sentisse rejeitada, para que ela se animasse.

— Karen não podia se deprimir, pois uma pessoa deprimida cuida menos da sua qualidade de vida, diminui sua imunidade, enfraquece sua resistência para lutar contra o câncer. Ela havia emagrecido e apresentava vários episódios de vômito — disse Romanov.

Para desespero dos seus pais, parecia que ela não tinha garra de batalhar pela vida. Eles procuraram uma psicóloga para ajudá-la. Certo dia, andava muito abatida nos corredores do hospital em que se tratava. De repente, ouviu os gritos de alguns meninos dentro de uma sala. Como sempre gostou de crianças, resolveu entrar. Ao entrar, levou um choque emocional.

Viu seis crianças brincando com bexigas. O que mais a abalou era que todas estavam com a cabeça brilhante, sem cabelos. Todas estavam em tratamento de câncer.

— Vem brincar com a gente — elas disseram.

Ela se negou. Então, uma menina de seis anos, pegando em suas mãos, a levou para o centro da sala. Karen estava inibida, há meses não brincava. Todos a envolveram.

Ao ver o sorriso das crianças e a vontade de viver espelhada no rosto de cada uma delas, ela finalmente entrou na folia. Pulou, brincou, fez cócegas, parecia que o mundo tinha parado. Ao mesmo tempo que se divertia, começou a se lembrar do sonho de ser pediatra. Parecia que esse sonho estava sepultado, mas ele estava apenas escondido.

Nesse momento, o professor Romanov suspirou e fez uma pausa. A classe estava num profundo silêncio. Em seguida, perguntou diretamente para Cláudia:

— Qual a diferença entre sonhos e desejos?

Ela pensou, mas não soube responder.

Posteriormente perguntou para toda a classe. Ninguém imaginou uma resposta. Momentos depois, comentou:

— Desejos não resistem ao calor das dificuldades, sonhos são projetos de vida, têm raízes, por isso resistem aos problemas, brotam mesmo depois de longa estiagem, pois suas raízes nutrem-se dos mananciais profundos da personalidade.

Cláudia ficou comovida com a resposta. Ansiosa, queria saber o desfecho da história. Romanov continuou.

Comentou que Karen tinha mais que um desejo, tinha um sonho, um projeto de vida. Ao se envolver com aquelas crianças, ela começou a resgatar seu sonho. Começou a freqüentar aquela sala, ter o contato com muitas crianças que, sem perceber, apostavam tudo na vida. Quanto mais a freqüentava mais se sentia fortalecida. Ela deu um salto na psicoterapia. As palavras de seus pais também começaram a germinar.

Certa vez, ela fez uma oração e a registrou na capa do seu mais bonito caderno:

— Deus, muitos não têm doenças físicas, vivem anos e anos, mas suas vidas não têm sonhos nem aventura. Dê-me força para lutar pela vida e pelos meus sonhos. Ensina-me a viver cada dia como se fosse eterno.

Karen fortaleceu-se tanto que, mesmo com a queda de cabelo se acentuando, resolveu voltar à escola. Comunicou seu desejo a Suzan. Fazia um mês que não freqüentava as aulas. Antes de entrar na sala, lembrou-se dos tempos que brincava, mexia com os colegas e se divertia sem preocupações. De repente, ao entrar na sala, Karen levou um susto, ficou perplexa. Não conseguia acreditar na imagem que via.

Nesse momento, o professor Romanov fez outra pausa. Os alunos ficaram desesperados, queriam que ele continuasse a história. Mas ele queria fazê-los pensar.

— Sabe o que ela viu e a perturbou? — indagou Romanov.

Ninguém imaginou. Realmente era quase inimaginável.

— Viu a solidariedade! Viu a maioria dos seus amigos e das suas amigas calvos, entre elas Suzan — disse o professor. Em seguida, eles lhe disseram:

— Nós raspamos a cabeça para mostrar que estamos juntos com você nessa luta, para mostrar que nós amamos

você do jeito que você está e que você é linda mesmo com sua queda de cabelo.

Foi um gesto de afetividade único. Karen caiu num doce e incontrolável pranto. Não conseguia dizer nenhuma palavra. Foi abraçada e beijada por todos os seus amigos. Estava atônita, flutuava diante da manifestação de carinho. Raramente o amor foi tão longe.

Na classe de Romanov, alguns alunos começaram a chorar, entre eles Cláudia.

— Os amigos de Karen aprenderam a se colocar no seu lugar, perceberam seus sentimentos ocultos e a apoiaram num momento tão difícil da sua vida. Aprender a colocar-se no lugar dos outros é uma das mais importantes características da inteligência, mas infelizmente a maioria dos jovens não a desenvolve. Essa característica é a melhor vacina contra as rejeições, discriminação e isolamento.

Em seguida, o professor ponderou que alguns casos de violência na escola, como alunos que saem atirando em seus colegas de classe e professores, poderiam ser evitados. Como? Se aprendêssemos a perceber o sentimento das pessoas, compreender a linguagem do coração, decifrar o sofrimento que as palavras nunca disseram.

— E daí, professor? Karen venceu seu câncer? — perguntou Alex, ansioso para saber o final da história.

— Ela ainda teve vômitos, sentiu dores e se submeteu a outra cirurgia. Mas sua garra, coragem e fome de viver foram mais fortes. Dedicou-se com disciplina ao seu tratamento. Além disso, ela se soltou, começou a participar de festas, a conviver sem medo com as pessoas. Sua auto-estima melhorou, seu ânimo reacendeu. Por fim, Karen triunfou, venceu o câncer. Mas ela já era uma vencedora, pois já havia feito de cada dia um momento eterno.

A classe vibrou. Além disso, Karen foi disciplinada em outra coisa: na transformação do seu sonho em realidade. Ela, que não morria de amor pelos estudos, começou a se destacar,

estudava não apenas para as provas, mas por causa do seu projeto de vida. Começou a ler livros, jornais, interpretar melhor os textos, debater idéias. Assim, passou a ter um ótimo desempenho na escola. A turma surpreendeu-se.

Por fim, entrou na faculdade de medicina. Após o término da faculdade, a dra. Karen se especializou em oncologia pediátrica, médica que cuida de câncer na infância. Brincava, sorria, parecia uma palhaça diante das crianças. Raramente se viu uma médica que amava tanto a vida e que batalhasse tanto pela vida de cada criança.

Inspirando seus alunos

Após contar essa história, o mestre da vida, Romanov, se aproximou de Cláudia e a surpreendeu. Admitiu que ela tinha razão ao observar que a ciência era, muitas vezes, seca e insensível. Os amigos de Karen perceberam a dor dela, mas ele não havia percebido o sentimento de sua aluna.

— Cláudia, falo de planetas que estão a milhões de quilômetros distantes de mim com tanta segurança, mas às vezes não sei reconhecer os sentimentos dos meus alunos que estão tão próximos. Não percebi seu sofrimento. Desculpe-me.
— Em seguida, aproximou-se dela e a abraçou.

Cláudia, que estava comovida com a história, ficou boquiaberta com seu mestre. Jamais viu um professor pedir desculpa para um aluno. Antes de bater o sinal para terminar a aula, Romanov fez o desfecho:

— Além do câncer físico, há o câncer psíquico. Lutem contra o câncer do preconceito, do medo, da falta de sonhos e da falta de garra para transformar seus projetos de vida em realidade. Os nossos maiores inimigos estão dentro de nós.

Sob um clima de intensa inspiração, o professor Romanov escreveu na lousa em letras enormes:

Bons jovens têm sonhos ou disciplina. Jovens brilhantes têm sonhos e disciplina. Pois sonhos sem disciplina produzem pessoas frustradas, que nunca transformam seus sonhos em realidade, e disciplina sem sonhos produz servos, pessoas que executam ordens, que fazem tudo automaticamente e sem pensar.

Virando o jogo

Nesse momento, Cláudia percebeu que foi injusta com seus pais. Sua mãe, apoiada pelo pai, a incentivava a estudar para que pudesse construir um destino diferente do deles. Cláudia tinha disciplina, mas não tinha sonhos. Não estava vivendo as palavras de Alexandre Graham Bell: “Se andarmos apenas por caminhos já traçados, chegaremos apenas onde os outros chegaram”.

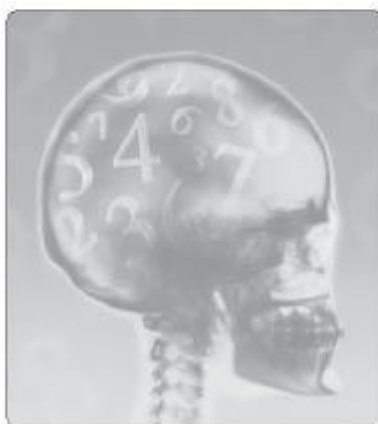
Os pais eram pobres e doentes, mas eram sábios. Só que ela não enxergava a sabedoria deles. Após ouvir a história e ver as reações de Romanov, saltaram à memória frases que seus pais sempre lhe diziam, mas que só agora pôde valorizar intensamente. Pedindo permissão, levantou-se e foi escrevê-las na lousa:

Um ladrão rouba um tesouro, mas não furta a inteligência. Uma crise destrói uma herança, mas não uma profissão. Não importa se você não tem dinheiro, você é uma pessoa rica, pois possui o maior de todos os capitais: a sua inteligência. Invista nela. Estude!

Os alunos, depois de abraçar afetosamente Cláudia, anotaram essa frase e a do professor Romanov. Fizeram delas um par de asas para voar alto. Cláudia sonhou em ser bióloga e trabalhar com células-tronco. Desejou aventurar-se pelo

mundo da genética, pois aprendeu a se aventurar pelo mundo dos sonhos...

Bons alunos aprendem a
matemática numérica,
alunos fascinantes aprendem
a matemática da emoção.



A inveja e a competição que destroem

Pedro e Rafael eram irmãos. A diferença de idade entre eles era de três anos. Pedro, o mais velho, tinha dezesseis anos e Rafael, treze. Pedro apreciava praticar esportes, mas, ao mesmo tempo, detestava perder. Era egoísta, irritado,

nervoso e não sabia levar desaforo para casa. Rafael era tranquilo, tolerante, mas tinha poucos amigos.

Logo depois do nascimento de Rafael, Pedro começou a mostrar reações de ciúmes. À medida que cresceram, começaram as disputas. Toda brincadeira terminava em brigas. Rafael não se importava muito com as coisas materiais. Pedro, ao contrário, não conseguia dividir seus objetos, perfumes, roupas. Quando Rafael pegava uma camisa do irmão ou um dos seus brinquedos, a reação era imediata. Pedro rapidamente tomava do irmão e, às vezes, no tapa.

Freqüentemente Pedro provocava Rafael, mas o clima ficava tão ruim que Rafael não se controlava, também o instigava. Os dois irmãos estavam se tornando inimigos. Os pais, dr. Carlos, um advogado respeitável, e Ana, uma professora de faculdade de pedagogia, ficavam desesperados.

As disciplinas que aplicavam não tinham êxito. Os limites que impunham não eram eficazes. A trégua não durava mais do que um dia. Dr. Carlos e Ana foram orientados por psicólogos, mas os irmãos, em especial Pedro, não os ouviam. Pedro chegou a freqüentar o consultório de uma psicoterapeuta, mas não durou um mês. Dizia taxativamente que o problema não era ele, mas Rafael. Não reconhecia sua inveja, imaturidade e agressividade.

Certa vez, Pedro foi longe demais. Chegou a dizer ao irmão: “Eu detesto você. Não sei por que você nasceu. Desejo que você morra!”. A mãe, ao ouvir essas frases, sentiu-se a mulher mais infeliz do mundo. Criou os filhos para que fossem amigos e não parceiros do ódio.

Dr. Carlos, como advogado experiente, sabia que as disputas entre irmãos eram comuns na adolescência, mas os seus filhos passaram dos limites. Em seu escritório, já teve vários casos de irmãos que viveram em pé de guerra a vida toda. Não se entendiam, não dialogavam nem se respeitavam. Na divisão da herança, viviam numa disputa infernal. Temia que seus filhos repetissem essa dramática história.

Tudo que Rafael fazia irritava seu irmão. Cantar, falar alto, abraçar os pais, tudo perturbava Pedro. Com o passar do tempo, Pedro começou a fazer chantagens e a ter crenças falsas. Acreditava que as pessoas e até seus próprios pais preferiam seu irmão a ele. Não suportava um “não”, sem que em seguida dissesse que seus pais preferiam Rafael a ele.

Dr. Carlos e Ana ficavam perturbados com essa afirmação. Sabiam que isso era uma mentira, mas caíam nessa armadilha sutil. Cediam freqüentemente à pressão desse filho e compravam o que ele desejava. Desse modo, Pedro conseguia um novo par de tênis, calça e outros presentes. Seus pais pareciam serviçais dele.

Os pais não percebiam que, quanto mais davam atenção exagerada a Pedro, mais ele os controlava. Pedro seguia um caminho perigoso. Preferia os presentes ao diálogo, o prazer imediato a construir seus caminhos. Não sabia lidar com os “nãos”, amava apenas o “sim”. Um dia, quebraria a cara. Quando caísse na vida, teria de enfrentar os “nãos” no seu trabalho e nas relações sociais. Como sobreviveria?

De vez em quando, dr. Carlos perdia a paciência com Pedro. Dizia: “Você só me dá desgosto!, Você faz todo mundo infeliz nesta família! Seu grande egoísta!”. O clima, que estava ruim, piorava. Todos ficaram doentes. Nessa família, os membros só conseguiam ficar sem atritos quando estavam assistindo à TV. Tornaram-se uma típica família moderna.

Um mestre da matemática da emoção

Pedro era aluno da escola do professor russo. Apesar das mudanças introduzidas por Romanov havia graves problemas. Três professores não suportaram o estresse e se afastaram para tratamento médico. Além disso, Jéferson, professor de matemática, pensava em desistir de dar aulas. Romanov percebeu seu abatimento. Aproximou-se dele e pouco a pouco

se tornaram amigos. Querendo ajudar Jéferson, Ihe fez um convite incomum: estudar a matemática da emoção.

A matemática da emoção, tão bela e ilógica, era muito mais complexa do que a matemática dos números. Os dois professores passavam horas nos finais de semana analisando livros que falavam sobre a influência da emoção na construção do pensamento e do raciocínio.

Descobriram que o ser humano compreende o mundo através das janelas da memória, que representam os arquivos que se abrem num determinado momento existencial. Quanto mais se abrem as janelas da memória, mais se expande o grupo de arquivos, mais informações ficam disponíveis e mais chances se tem de dar respostas inteligentes nas situações difíceis.

Entenderam que os poetas, os filósofos, os artistas plásticos, os políticos, os professores, os alunos, bem como cada ser humano vêem o mundo de maneira tão diferente uns dos outros porque têm genética, biologia cerebral, histórias diferentes, personalidade e ambiente social distintos. Mas existia um outro fator para compreender a diferença de visão de mundo e das coisas: é a quantidade de janelas que cada um abre a cada momento de suas vidas, seja na dor ou na alegria, nos sucessos ou fracassos, nos aplausos ou vaias.

Os dois mestres estudaram a teoria das janelas da memória. Essa teoria explicava que a memória não se abre por completo, mas por territórios específicos, por janelas. Há muitos tipos de janelas na memória, entre elas as janelas *light*, que ampliam o raciocínio, abrem o leque da inteligência, e as janelas *killer*, que bloqueiam o raciocínio, que assassinam a lucidez, a tranquilidade. As janelas *light* contêm experiências prazerosas e inteligentes, como as experiências de vida, o conhecimento científico, os elogios, a autoconfiança, a segurança, a intuição, a sensibilidade. As janelas *killer* são os traumas, as zonas de conflitos no inconsciente, que contêm

experiências dolorosas, como medo, angústia, rejeição, perdas, frustrações.

No momento em que abrimos as janelas *killer*, o volume de tensão ou ansiedade gerado por elas bloqueia a abertura de milhares de outras janelas, impedindo o acesso a inúmeras informações que poderiam produzir respostas brilhantes. Os mestres compreenderam que um aluno que tem medo de fazer uma prova, que se cobra muito ou é muito cobrado, pode produzir uma tensão tão grande que bloqueia as janelas que contêm as informações que aprendeu e, assim, ter péssimo desempenho, mesmo sabendo toda a matéria.

Compreenderam que pessoas com claustrofobia que têm medo de lugar fechado, quando estão em ambientes abertos são tranquilas. Entretanto, quando entram num elevador, em fração de segundos detonam um gatilho que abre uma janela *killer*, levando-as a ter crise de ansiedade, taquicardia, sensação de que falta o ar, de que o elevador vai parar.

Romanov e o professor Jéferson entenderam que enfrentar a ansiedade nos momentos de tensão e construir um clima de tranquilidade era fundamental para se raciocinar bem, debater idéias e poder fazer escolhas.

Descobriram um segredo, ou seja, que nos primeiros trinta segundos que entramos nas janelas *killer*, que contêm agressividade e intolerância, cometemos os maiores erros de nossas vidas. Nesse breve intervalo de tempo, tomamos atitudes ou falamos palavras que nunca deveriam ser ditas. Há pessoas calmas que num ataque de raiva ferem as pessoas que mais amam.

O ser humano não raciocina adequadamente quando está irritado, nervoso, amedrontado, decepcionado, deprimido. Os professores entenderam que gerenciar a emoção é fundamental para irrigar a razão. Aprender a ver os problemas sob vários ângulos era muito importante para expandir a sabedoria.

Para os dois sonhadores, o mundo dos adultos, constituído de guerras, competição predatória, discriminação e consumismo, estava doente. A esperança seriam os jovens. Por isso, queriam conscientizá-los para que aprendessem a proteger a emoção, para que tivessem uma mente livre, capaz de desenvolver a arte da crítica, inclusive para fazer autocrítica. Jéferson falava desses assuntos na classe de Pedro.

As relações humanas não têm conta exata

Sem ter consciência, Pedro construiu uma série de janelas doentias *killer* na sua memória, gravando uma imagem doentia e distorcida de Rafael. Toda vez que tinham uma pequena disputa, detonava em Pedro um gatilho no seu inconsciente e, imediatamente, a imagem ameaçadora de Rafael vinha ao palco da sua mente. O Rafael de fora era uma pessoa dócil, mas o de dentro de Pedro tornara-se um monstro.

— Vocês estão aqui na escola clássica para aprender matemática, mas, se quiserem sobreviver lá fora, na escola da vida, precisam aprender uma outra matemática, uma matemática que muitos reis, intelectuais e políticos não aprenderam, por isso falharam drasticamente como líderes.

Os alunos, surpresos, perguntaram:

— Qual, professor? — perguntou, curioso, Luís.

Ele olhou para o ambiente de fora da classe e disse:

— A matemática da emoção.

— Nunca ouvi falar dessa matemática, professor — expressou Elisabete.

Jéferson, sem dizer palavras, pegou um giz e escreveu em letra de fôrma na lousa.

Bons alunos aprendem a matemática numérica, alunos fascinantes vão além, aprendem a matemática da emoção, que não tem conta exata e que rompe a regra da lógica. Nessa matemática, você só aprende a multiplicar quando aprende a dividir, só consegue ganhar quando aprende a perder, só consegue receber, quando aprende a se doar.

Os alunos se entreolhavam querendo entender os enigmas desse assunto. O mestre de matemática numérica comentou que para resolver os problemas da matemática da emoção era necessário diminuir para aumentar. Disse que devemos diminuir nosso orgulho para aumentar nossa maturidade, diminuir nossa arrogância para perceber o sentimento oculto das pessoas, diminuir nossa rigidez para ter coragem de corrigir nossas rotas e repensar nossas verdades absolutas.

Jéferson discorria sobre um mundo onde não existem fórmulas prontas, onde temos de aprender a proteger nossa emoção, caso contrário podemos ser escravos vivendo em sociedades livres. — Quem é controlado pelo ciúme, inveja, raiva, medo, ansiedade vive num cárcere emocional, numa masmorra psíquica, é refém dos seus traumas e conflitos — disse o inteligente professor.

Os alunos ficaram embasbacados com suas idéias. Pedro prendeu a respiração.

Perplexos, os alunos se perguntavam: “Será que o professor Jéferson mudou as regras da matemática?”. Em seguida, o mestre continuou:

— Os números não são compreensivos, uma conta só pode estar errada ou certa, mas, nas relações com as pessoas, não podemos ser lógicos demais, temos de ser compreensivos e solidários. Quem é excessivamente lógico causa um desastre nas relações com suas namoradas(os), colegas, amigos(as),

pais. Temos de compreender quem falha, animar quem tropeça e dar oportunidades para quem errou de novo. Temos de aprender a dizer: “Tente outra vez! Eu confio em você!”.

Os jovens ficaram envergonhados, perceberam que eram radicais. Eram especialistas em julgar, condenar, criticar os outros. Alguns viviam brigando com suas namoradas. Tinham de ler a cartilha deles, não admitiam falhas. Reagiam como meninos no corpo de gente grande. Eram péssimos para se colocar no lugar dos outros e compreender.

A triste infância do professor Jéferson

Percebendo o interesse dos seus alunos, o professor contou uma dramática experiência que viveu na juventude. Comentou que seus pais eram muito pobres. Não tinham dinheiro para comprar frutas. Certa vez, sua mãe estava doente e seu pai comprou, com sacrifício, meia dúzia de bananas para ela.

Vendo as bananas, Jéferson teve vontade de comê-las. Foi escondido ao local e comeu três delas. Quando seu pai chegou, ele perguntou quem as tinha comido. Jéferson tinha mais dois irmãos. Eles o acusaram.

Diante da resposta, seu pai teve um ataque de nervos. Ele o obrigou a comer todas as que haviam sobrado. Como ele se recusou, porque sabia que elas eram para sua mãe, o pai o obrigou a comê-las com casca e tudo. Recordando a história, o professor disse para a classe, que fazia um silêncio sublime:

— Minha mãe gritava para que meu pai não fizesse aquilo. Mas ele estava dominado pela raiva, não conseguia raciocinar. Foram segundos que perturbaram por anos a minha vida. Enquanto comia, eu apanhava. Nesse momento, destruí completamente a imagem de meu pai dentro de mim. Construí diversos conflitos. Nunca mais fui amigo dos meus irmãos,

tinha ciúmes e ódio deles. Em alguns momentos, desejava que eles morressem.

Ao relatar sua história, seus olhos lacrimejaram. Foi uma das raras vezes, dentro de uma escola, que um professor de matemática não escondeu suas lágrimas dos seus alunos. Esse fascinante mestre não se escondia atrás do giz, ele ensinava com a alma. O mestre cruzou sua história com a dos alunos. Usou, portanto, uma das mais importantes técnicas para formar discípulos pensadores.

Pedro viajava em sua própria história ao ouvir as idéias e a história do seu professor. Nunca havia feito essa viagem de maneira tão intensa em sala de aula.

Após uma pausa, Pedro perguntou ao seu mestre:

— Quanto tempo você ficou sem conversar com seu pai?

— Durante muitos anos só conversava o essencial. Achava que ele não me amava, pensava que preferia meus irmãos. Sentia-me o garoto mais infeliz e rejeitado do mundo. Alguns anos depois, minha mãe faleceu. Então, resolvi tomar uma decisão. Sair de casa para nunca mais voltar. Procurei meu pai e disse-lhe: “Eu não preciso mais de você. Eu vou embora e talvez nunca mais volte”.

“Por que, meu filho?”, ele me perguntou surpreso, abalado e muito triste.

— Joguei-lhe na cara que ele me detestava e recordei o episódio das bananas. Meu pai, ao ouvir as minhas palavras, sentou-se numa cadeira e chorou intensamente. Eu não entendia o que estava acontecendo. Momentos depois eu o compreendi. Ele me disse: “Sua mãe estava doente. Eu estava com medo de que ela morresse... Comprei as bananas para que sua mãe, comendo-as, se fortalecesse. Era o único dinheiro que eu tinha”.

O professor fez mais uma pausa. Em seguida, concluiu:

— Meu pai me disse: “Perdoe a minha agressividade, meu filho. Nunca aprendi a abraçar, porque nunca fui abraçado

pelo meu pai. Mas isso não é desculpa. Perdoe-me a estupidez”. Então, pela primeira vez, meu pai me contou que seu pai o espancava. Disse que seu pai era alcoólatra e que muitas vezes o tirava da cama e batia nele. Comentou que sua infância foi um inferno. Então, percebi que ela foi pior que a minha.

Ansioso, Pedro novamente perguntou:

— E daí, professor? Você foi embora de casa?

— Pedro, meu pai me disse algumas palavras que marcaram minha vida e me fizeram mudar de direção: “Apesar de você ter o direito de ir embora, quero agradecer-lhe por você existir. Você é um filho maravilhoso. Eu o amo muito”.

Jéferson, enquanto falava, viajava no tempo, recordava as imagens, como num filme que estava à sua frente.

— Sabem o que aconteceu? Nesse momento eu aprendi as primeiras lições da matemática da emoção. Eu perdi meu orgulho para ganhar o amor do meu pai. Foi a primeira vez que disse que, apesar de tudo, eu o amava. Vocês já disseram que amam ao seu pai ou à sua mãe apesar de eles os decepcionarem? Já disseram que os admiram apesar de eles lhes dizerem “não” algumas vezes?

— E o relacionamento com seus irmãos, como ficou? — perguntou Ana Luísa.

— Eu comecei a vê-los numa perspectiva multifocal. Enxergá-los por vários focos, em várias direções. Descobri que quem enxerga seus problemas sob um foco só, comete erros. Começamos, por isso, um novo capítulo em nossa história. Comecei a compreendê-los e, depois de compreendê-los, consegui perdoá-los e também pedi desculpas. Eles me acusaram sem pensar, talvez eu fizesse a mesma coisa. Às vezes, as pessoas que mais amamos nos ferem sem querer. São culpadas sem ter culpa. Abracei-os profundamente. O ciúme dissipou-se, o ódio evaporou, a inveja morreu. Respirei...

Jéferson comentou que esse episódio ocorrera havia mais de 15 anos e, até hoje, ele e seus irmãos cultivam uma sólida amizade. Embora morem em cidades distantes, toda semana se falam ao telefone.

O professor Jéferson casou-se e teve dois filhos. Não suportou a solidão do seu pai. Convidou-o para morar junto com sua família. Quase diariamente eles se sentam na varanda para conversar. São amigos inseparáveis.

— Deixei de ser escravo dos meus traumas, oxigenei minha emoção, conquistei minha liberdade. E vocês? — questionou o magnífico professor, desejando que sua platéia de alunos saísse da condição de espectadores passivos e pensasse sua própria história.

Em seguida, bradou em voz altissonante:

— Trabalhem a matemática da emoção na sua personalidade, lapidem esse hábito como o ourives que lapida a mais bela pedra preciosa, assim desenvolverão em sua personalidade a segurança, a humildade, a tolerância, a solidariedade e a capacidade de compreensão dos comportamentos das pessoas e as decepções que surgirão.

Abrindo as janelas da memória

Pedro saiu da escola naquele dia sem dizer nenhuma palavra. Não sabia perdoar nem ser transparente, por isso nunca refletia sobre suas atitudes. Tinha uma necessidade neurótica de estar sempre certo. Pensava tanto que seus pais gostavam mais de Rafael que criou falsas verdades. Ficou quieto, pensativo, fez um mergulho dentro de si mesmo, como nunca havia feito antes. Começou a treinar seu senso de observação.

Começou a analisar como seus pais o tratavam e como tratavam Rafael. Ficou observando durante semanas e quanto

mais analisava mais caíam por terra suas convicções. Pelo fato de exercitar sua inteligência, uma luz brilhou. Entendeu o que nunca quis entender. Entendeu que o ciúme que sentia do irmão era uma fantasia. Descobriu que sua agressividade com o irmão e com seus pais era injusta. Sua interpretação da realidade era distorcida e doentia.

O que mais o abalou foi perceber que explorava seus pais, que os manipulava para ganhar presentes e sugar a atenção deles. Entendeu que, em alguns momentos, Rafael recebia mais atenção e carinho dos seus pais porque estava precisando. Em outros, era ele quem recebia mais atenção porque necessitava. Enfim, compreendeu que os pais amam igualmente, mas podem dar atenção de forma diferente.

Desse modo, Pedro se libertou, pouco a pouco, de sua masmorra psíquica, começou a enxergar os eventos da vida por múltiplos ângulos. Certa vez, quando todos estavam reunidos num jantar, levantou-se da mesa e os surpreendeu. Pediu desculpas aos seus pais e, pela primeira vez, disse que os amava. Boquiabertos, os pais disseram:

— O que está acontecendo, meu filho?

Pedro respondeu:

— É a matemática da emoção, papai. Estou começando a aprendê-la — disse com segurança. Foi até seu irmão e o abraçou. Em seguida, disse palavras inimagináveis: — Sei que o feri muito. Perdoe-me por criticá-lo tanto e não ver suas qualidades. Você é meu único irmão. Quero aprender a ser seu amigo. A vida dá muitas voltas, certamente precisaremos um do outro.

Então eles se abraçaram como nunca o fizeram. O relacionamento naquela família sofreu uma grande revolução.

Pedro era fechado, isolado e dado a pouco diálogo. Todavia, tornou-se lentamente um jovem bem-humorado e sociável. Descobriu que o dinheiro compra roupas, mas não o amor; compra o título do clube, mas não a alegria; compra o

bilhete da festa, mas não o prazer; compra barcos, mas não ensina a navegar nas águas da emoção.

Bons alunos são repetidores
de informações, alunos fascinantes
são pensadores.



Uma mente agitada

O professor Júlio César era superengraçado e, ao mesmo tempo, tinha uma inteligência muito aguçada. No começo, rejeitava as idéias de Romanov, mas, à medida que se conheceram, tornaram-se amigos inseparáveis.

Romanov disse-lhe certa vez um pensamento inesquecível que ele anotou no espelho do seu banheiro:

Os professores não são valorizados socialmente como merecem, não estão nos noticiários da TV, vivem no anonimato da sala de aula, mas são os únicos que têm o poder de causar uma revolução social. Com uma das mãos eles escrevem na lousa, com a outra, movem o mundo, pois trabalham com a maior riqueza da sociedade: a juventude. Cada aluno é um diamante que, bem lapidado, brilhará para sempre.

O pensamento de Romanov renovou a paixão de Júlio César pela educação. Ele era professor de línguas havia mais de 15 anos, mas estava desanimado e perplexo nos últimos tempos por observar o aumento gradual de ansiedade dos alunos. Percebia que a mente deles estava cada vez mais agitada e inquieta. As conversas paralelas e a agressividade haviam se expandido muitíssimo.

Júlio César, Romanov, Jéferson e outros professores procuraram uma explicação desse comportamento dos alunos, que se tornara um fenômeno mundial. Depois de exaustivas pesquisas descobriram finalmente uma hipótese da síndrome SPA, Síndrome do Pensamento Acelerado, que explicava que a edição dos eventos da vida nas sociedades modernas atuava no teatro da mente humana e modificava a velocidade de construção dos pensamentos e das emoções.

As pessoas estavam agitadíssimas. Tudo era muito rápido. As pessoas comiam, falavam e trabalhavam aceleradamente. Até os filmes atuais tinham uma velocidade muito maior das cenas do que os filmes do passado.

Entenderam que os alunos não tinham culpa por ser ansiosos. O culpado era o sistema social que expandiu o número de necessidades, nem sempre necessárias, e o número de informações como nunca ocorreu na história, entulhando a memória dos jovens, fazendo-os construir pensamentos numa velocidade jamais vista, a não ser em

tempos de dificuldades e calamidades. Os alunos pensavam em “dezenas de coisas” num pequeno espaço de tempo. Os professores compreenderam que toda vez que se aumenta a velocidade do pensamento gera-se ansiedade, inquietação e insatisfação.

Descobriram que atualmente o conhecimento dobra no máximo a cada cinco anos, o que no passado demorava séculos. O excesso de informações, somado ao desespero pelo consumo, a preocupação excessiva com a estética e a moda registravam-se no centro consciente da memória das pessoas, deixando inúmeros arquivos abertos.

A mente dos alunos não parava de acessar as informações desses arquivos, como um computador que não parava de operar, gerando uma produção intensa de pensamentos sobre atividades, preocupações, coisas do amanhã. Desenvolviam vários sintomas. Tranquilidade nem para remédio. Paciência evaporou-se.

Além de ansiosos, são irritados, possuem uma emoção flutuante, num momento estão alegres, noutro, explosivos. Não se concentram, não se interiorizam e ainda por cima detestam a rotina, por isso não se cansam de dizer: “não tem nada para fazer nesta casa!”.

E a sala de aula? Frequentemente é o último lugar em que querem estar. Para quem tem SPA, os professores são chatos, as aulas são insuportáveis, o sinal de término de aula é uma maravilha. A agitação dos pensamentos e a ansiedade são tão intensas que os jovens não extraem experiências dos seus erros e sofrimentos. A troca do cenário no palco da mente deles é tão rápida que eles não elaboram as experiências, não refletem sobre novas atitudes, não crescem diante das dificuldades. Continuam imaturos, mesmo adultos.

Para Romanov e seus colegas, os professores eram cozinheiros do conhecimento, que preparavam o alimento para nutrir a inteligência de uma platéia sem apetite. Nada é mais

frustrante para um mestre do que ensinar para quem não quer aprender. Por isso, a grande maioria dos educadores estava adoecendo nas sociedades modernas.

Milhares de professores estavam se deprimindo, desenvolvendo pânico, doenças físicas, não apenas devido aos seus problemas internos, mas à crise da educação. Alguns tinham sintomas cardíacos em sala de aula, outros desenvolviam gastrites e úlceras. Muitos sabiam que a educação estava no caos, mas, por não estudarem a construção dos pensamentos, não sabiam que alteramos o seu ritmo.

As crianças não corriam mais atrás das borboletas, não brincavam nas árvores, não soltavam pipas. Os jovens não contemplavam o belo, não inventavam, não libertavam sua imaginação e nem viviam a vida com aventura. Transformaram-se em consumidores.

Algumas pessoas culpavam os pais por não colocar limites nos seus filhos. Entretanto, Júlio César e Romanov descobriram que os pais tentavam colocar limites, mas, devido à ansiedade gerada pela SPA, não conseguiam. Pais e mães estavam confusos e inseguros, sem saber como agir diante dos seus filhos. No passado, um olhar de um pai ou mãe causava um impacto nos filhos, atualmente nem os gritos causavam alguma reação.

A destruição da auto-estima

Alguns professores agrediam os alunos pensando que eles eram culpados por tamanha agitação. Não sabiam que o sistema social era o grande criminoso, que foi ele quem provocou uma ansiedade desumana no teatro da mente dos jovens. Pior ainda, não sabiam que, além da SPA, o sistema estava destruindo a auto-estima das pessoas, colocando

modelos magérrimas pelos padrões da medicina como parâmetro do belo e da auto-satisfação.

O padrão incomum de beleza difundido na sociedade penetrava no inconsciente coletivo dos jovens, produzia conflitos com a auto-imagem e gerava uma rejeição pelo próprio corpo. Milhões de jovens chegavam diante do espelho e pareciam se perguntar: *espelho, espelho meu, existe alguém com mais defeitos do que eu?*

Muitos sentiam que nenhuma roupa lhes caía bem. Alguns se deprimiam, outros desenvolviam anorexia nervosa, bloqueavam o apetite e emagreciam muito e ainda outros desenvolviam bulimia, comiam sem parar e depois provocavam vômitos. Havia até aqueles que desenvolviam vigorexia, malhavam sem parar nas academias e tomavam remédios sem orientação médica para ganhar massa muscular para ser valorizados. Não sabiam que o maior valor estava na inteligência que possuíam.

Os jovens não sabiam que a grande maioria das modelos também sofria com a ditadura da beleza, sempre rejeitavam uma área do corpo, faziam regimes maquiavélicos para não ser rejeitadas. Muitas desenvolviam também anorexia, bulimia e depressão. Mendigavam o pão da auto-estima. O sistema as usava e as descartava se ganhassem alguns quilos a mais.

Os professores queriam gritar para os jovens que a beleza está nos olhos do observador. Mas, devido à síndrome do pensamento acelerado e à ditadura da beleza, os jovens não se observavam como belos, bonitos, tanto interiormente quanto exteriormente.

Com auto-estima zerada ou diminuída, os jovens tornavam-se insatisfeitos e canalizavam sua insatisfação para consumir mais. Assim, tornavam-se presas do mais agressivo predador: o mercado.

Júlio César, Romanov e seus colegas queriam que todos os jovens tivessem um caso de amor consigo mesmos e

fossem revolucionários na sociedade. Revolucionários que criticassem o sistema social, que consumissem mais idéias do que bens materiais e que tivessem a coragem de não comprar em lojas e empresas que só usavam modelos magras para vender seus produtos.

— Abram seus olhos! Não sejam escravos do padrão de beleza da mídia! — eles diziam. E acrescentavam: — Cada um de vocês possui uma beleza única, especial, inigualável, não importam seu peso, sua altura, a cor da sua pele nem a anatomia do seu corpo.

Por colocar música ambiente em sala de aula, tal como o som da música de Beethoven, Bach, Mozart, Chopin, cada aula se tornava um espetáculo. Além da música ambiente, por fazer os alunos sentarem-se em círculo e debater as idéias, os professores conseguiram aliviar a SPA e diminuir pelo menos 50% da ansiedade de seus alunos. Dia a dia a escola passava por transformações.

Estava ocorrendo algo encantador: os alunos estavam aprendendo a ter uma mente livre, a questionar a si mesmos e ao mundo, como o jovem filósofo Platão aprendera com Sócrates. Porém, era preciso avançar muito.

Os professores, estimulados pelo intrépido Romanov, resolveram não apenas contar algumas histórias de vida em sala de aula, mas também humanizar o conhecimento, ou seja, falar sobre a vida dos cientistas, comentar seus defeitos, desafios, lágrimas, ousadias e rejeições que sofreram.

Queriam que os jovens abrissem os horizontes da sua inteligência por entender que, por detrás de cada aula que presenciavam, existiam as dificuldades dos pensadores. Desse modo, o conhecimento deixou de ser insosso e passou a ter um tempero existencial.

Comentaram sobre os medos, a coragem e as angústias de Einstein. Disseram que foi um grande gênio, que produziu excelentes idéias, mas errou também. Errou principalmente ao deixar seu filho doente mental num hospital psiquiátrico por

mais de vinte anos e nunca mais o ter visitado. Os alunos entenderam que o gênio da física conheceu muitíssimo o mundo de fora, o físico, mas tinha seus problemas, como todo ser humano, no mais complexo dos mundos, o psíquico.

Desse modo, percebiam que ninguém era perfeito, seja professores, seja pensadores. Assim, aprendiam dia a dia a deixar de ser repetidores de informação e perdiam o medo de pensar e produzir conhecimento. Havia reflexo até nas provas, os alunos passaram a ser mais inventivos. Todo esse caminho produzia finalmente uma educação que inspirava a emoção, libertava a inteligência, expandia o imaginário.

Agredindo um colega: o fenômeno *bullying*

Bons professores conhecem bem sua matéria, professores fascinantes conhecem o funcionamento da mente. Por se dedicar em ser um professor fascinante, o professor Júlio César foi aprendendo a lidar com conflitos em sala de aula, com as discussões entre alunos e com os atritos dos alunos com seus professores. Mas de vez em quando esses conflitos eram tão graves que o tumulto parecia incontrolável.

Certa vez, presenciou uma reação entre dois alunos que o abalou. Viu Alex ofendendo intensamente Fernando. Fernando vivia viajando nos seus pensamentos, era distraído, não se concentrava, sofria por antecipação, preocupava-se muito com as coisas que não aconteciam. A ansiedade dele era bem intensa. Além disso, tinha dificuldade de aprendizado. Não conseguia acompanhar a classe.

O jovem era tão disperso que freqüentemente fazia perguntas sobre um assunto que o professor havia acabado de explicar. Outras vezes, fazia comentários que nada tinham a ver com o assunto tratado. Muitos dos seus colegas zombavam dele pelas costas.

Os alunos não sabiam o valor da inclusão, a importância de conviver com pessoas diferentes. Não compreendiam que os maiores erros cometidos pela humanidade ocorreram por não aceitar e respeitar pessoas diferentes, seja no campo intelectual, social, racial, cultural ou religioso.

Júlio César era paciente com Fernando e admirava sua participação. Como Romanov, pensava que jovens calados são bons para formar um exército, mas não um time de pensadores. Não queria uma platéia de robôs.

Após Fernando fazer mais uma pergunta sem relação aparente com o assunto ensinado, Alex não se agüentou e gritou do fundo da classe:

— Burro! Mongolóide! Acorda!

A turma caiu em gargalhadas. Alex era considerado o líder da turma e Fernando era considerado o patinho feio da classe. Humilhado, lacrimejou os olhos, sentiu um nó na garganta. Logo depois, levantou-se e ameaçou sair do ambiente.

Júlio César imediatamente fez uma intervenção:

— Por favor, Fernando, não saia. — E olhando para toda a classe e depois para o agressor, comentou: — Você acabou de cometer um grave erro contra seu colega. Zombou de sua capacidade intelectual. Fez dele um palhaço e objeto de deboche diante de toda a turma. Sabia que muitos pensadores tinham o perfil psicológico de Fernando? Eles brilharam porque não tiveram medo de perguntar, de se expressar.

Alex tentou disfarçar escondendo seu rosto. Mas o professor fez uma célebre defesa da inclusão social. Disse que quem não é capaz de aceitar pessoas diferentes comete atrocidades nas relações sociais. Comentou sobre a escravidão dos negros, a morte de seis milhões de judeus na Segunda Grande Guerra, conflitos entre cristãos e muçulmanos na história, a turbulência na região da Caxemira na Índia e em muitos outros lugares.

Comentou ainda que a nossa espécie está doente, doente pela discriminação, pela falta de respeito, solidariedade, pela dificuldade de inclusão social. E acrescentou:

— Os fracos julgam e excluem, mas os fortes incluem e compreendem. — Em seguida, ainda não satisfeito, perguntou para Alex: — Sabe como se chama esse tipo de agressividade entre os colegas?

Alex não soube responder. Em seguida, o professor fez a mesma pergunta para a classe. Mas ninguém sabia a resposta.

— Fenômeno *bullying* — respondeu com segurança.

— Que fenômeno é esse? — perguntou Joana, curiosa.

— *Bully* quer dizer valente, agressor. Toda vez que os colegas agredem, diminuem, discriminam ou rotulam outros colegas, eles cometem o fenômeno *bullying*, se tornam agressores, controladores e até carrascos emocionais deles. Entre as crianças e adolescentes existem muitas brincadeiras. Algumas são saudáveis, estimulam a criatividade e o prazer. Entretanto, outras machucam profundamente a emoção e geram traumas na personalidade.

Alex engoliu saliva e calou-se. Júlio César também havia sido vítima do fenômeno *bullying* na adolescência. O assunto tocava-lhe fundo, por isso resolveu falar sobre alguns segredos da mente humana para compreenderem melhor como esse fenômeno pode prejudicar drasticamente a formação da personalidade.

Não é possível deletar a memória

— O registro na memória é involuntário. Todas as idéias, pensamentos, imagens mentais, emoções, sejam tolas ou inteligentes, lúcidas ou perturbadoras, são registradas automaticamente.

— Professor, mas nos computadores eu registro o que eu quero! — afirmou Márcia.

— Sim, mas, na memória humana, você não tem essa opção. O fenômeno RAM (Registro Automático da Memória) arquiva tudo automaticamente. Isso é fácil de perceber pela nossa experiência. Porém devemos também compreender que todas as experiências que têm mais emoção, sejam prazeres ou sofrimentos, tranquilidade ou medo, são registradas de maneira privilegiada. Por isso, recordamos com facilidade principalmente os momentos mais marcantes de nossas vidas.

— Após dizer tais palavras, o professor perguntou: — Podemos apagar ou deletar o que está arquivado?

Luís se adiantou e respondeu:

— Creio que sim, pois nos computadores a coisa mais fácil é apagar os arquivos.

— Você já tentou apagar da sua memória um problema que atravessou?

Luís há dois dias tinha perdido duzentos reais. Tentava apagar da sua mente essa perda, mas, quanto mais tentava, mais pensava no assunto.

— Não! — disse Luís sem delongas.

Em seguida, Júlio César perguntou a Alex com delicadeza:

— Você tentou deletar da sua memória quem você ofendeu ou decepcionou?

O aluno ficou vermelho, percebeu onde seu professor quis chegar. Alex havia levado um fora da sua namorada há um mês. Por querer controlá-la e ao mesmo tempo achar que podia ficar com uma garota por semana, ela rompeu a relação e nem telefonema dele atende mais. Ele tentava esquecê-la, mas pensava dia e noite nela.

— Queria deletar alguns arquivos ruins da minha memória, mas não consigo — disse com sinceridade, começando a ficar consciente da injustiça que praticou com Fernando.

O professor tomou a dianteira e disse:

— Ninguém consegue deletar a memória, até porque ninguém sabe onde esses arquivos estão alojados no córtex cerebral, que é o local do cérebro onde as experiências são registradas. Só podemos superar os traumas atuando nos sintomas que eles desenvolvem ou resgatando nossa história, nos autoconhecendo, descobrindo como e quando os desenvolvemos. Às vezes, quando o trauma é importante, precisamos da ajuda de profissionais da psicologia.

Em seguida, suspirou e disse que a agressividade e humilhação geradas pelo fenômeno *bullying* eram arquivados de maneira privilegiada na memória, podendo gerar traumas significativos.

Alguns alunos gelaram. Começaram a entender que pequenos gestos podem gerar grandes conseqüências. Vendo os alunos pensativos, o professor olhou para Fernando e corajosamente procurou resolver o conflito em sala de aula:

— Os fracos julgam e excluem os outros por serem diferentes, mas os fortes compreendem e incluem. Que é ser ofendido? Que fazer quando ofendido? Ter raiva? Sair da classe? Vingar-se? Ou fazer a oração dos sábios?

O professor, influenciado por Romanov, ensinava perguntando, provocava a mente de seus alunos como Sócrates fazia com seus discípulos. Era impossível não pensar. Curioso, Fernando perguntou:

— Nunca ouvi falar da oração dos sábios. Qual é?

— O silêncio. Só o silêncio contém a sabedoria quando a vida está ameaçada, sob risco, pressão, ofensa — disse o sábio professor. E adicionou: — Quem consegue raciocinar com brilho quando está nervoso? Na esfera do silêncio você deve abrir o leque da inteligência, romper as algemas dos arquivos doentios que financiam o medo, o ódio, a timidez, e procurar a mais excelente resposta.

Enquanto orientava Fernando, Alex ficava em profundo silêncio pensando. Os alunos estavam aprendendo a caminhar

nas trajetórias do seu próprio ser. Estavam aprendendo a proteger sua emoção, reeditar os arquivos doentios do seu inconsciente.

O professor acreditava que se os alunos de todas as escolas da Terra aprendessem a fazer esse passeio pelo seu interior, aprendessem a arte da reflexão e, ao mesmo tempo, desenvolvessem habilidade para dialogar sem medo sobre seus problemas e conflitos, poder-se-ia prevenir milhares de traumas e até evitar suicídios.

Júlio César pediu para todos os alunos procurar seus pais, professor ou um amigo experiente em quem confiavam para contar os problemas mais graves. Ele valorizava muito a psiquiatria e a psicologia clínica, mas sentia que devíamos investir nossos esforços na prevenção pela educação, pois todos concordavam que a prevenção era a área mais fundamental da medicina.

Momentos depois, o professor perguntou de maneira genérica:

— Alguém aqui já se sentiu diminuído por algum colega?

Por incrível que pareça, mais de 80% da classe levantou as mãos. Alex também se sentiu diminuído nos primeiros três anos de escola. Ele era muito ansioso e espalhafatoso, não tinha coordenação motora, sentia-se um péssimo esportista. Sua atitude de agredir era uma projeção da agressividade que recebeu e que nunca foi resolvida. Por refletir sobre sua história, caiu em si.

Beija! Beija! A festa depois do caos

O professor ficou preocupado com o número de pessoas que levantou as mãos. Não esperava uma proporção tão grande. Em seguida, escreveu na lousa:

Nunca valorizem um defeito físico de alguém ou um comportamento de alguém que vocês achem estranho. Valorizem suas qualidades e respeitem as diferenças. Jamais coloquem apelidos que diminuam as pessoas. Mesmo em tom de brincadeira, não copiem os programas de humor que debocham das características dos outros para fazer a platéia rir. Os verdadeiros pensadores são apaixonados pela humanidade, conseguem colocar-se no lugar dos outros e enxergar o invisível.

Nesse momento, Alex captou Fernando com os olhos. Fez um sinal de positivo para ele, como se quisesse pedir desculpa. Os que perceberam esse gesto brincaram, gritando:

— Beija! Beija!

Percebendo que Alex ficou inibido diante da turma, Fernando levantou-se, foi até seu ofensor e disse-lhe:

— Eu o perdôo.

Numa atitude surpreendente, Alex levantou-se, deu-lhe um abraço e respondeu:

— Desculpe-me, eu fui um fraco.

— Não, reconhecer seu erro, o torna forte — reagiu Fernando.

A classe aplaudiu. O clima estava tão agradável que o professor falou sobre o excelente código de ética do personagem mais famoso da história, o Mestre dos mestres, Jesus:

— Não façam para os outros o que vocês não querem que os outros façam para vocês.

O Mestre dos mestres respeitava incondicionalmente o ser humano. Ele valorizava mais a pessoa que erra do que os erros cometidos. Tratou com gentileza até seu traidor, Judas Iscariotes. Deu-lhe oportunidade até o último momento para ele reescrever sua história.

Em seguida, o professor disse que, se os alunos não querem ser ofendidos, que não ofendam. Se não querem ser rejeitados, que incluam. Se desejam ser elogiados, elogiem. Se querem o carinho e a atenção dos outros, dêem-lhes primeiramente seu apoio, coloquem-se à disposição de quem precisa. A ética de Jesus Cristo está no centro da educação para a paz. Se as sociedades vivessem esse princípio, não haveria lutas religiosas, os generais seriam jardineiros, os policiais, poetas, as indústrias de armas se transformariam em indústrias de alimentos, as guerras seriam apenas cicatrizes nos textos de história.

Os alunos ficaram fascinados. De repente, um deles fez uma pergunta fatal:

— Professor, você também foi humilhado por seus colegas na escola? — indagou Mário, pensativo e sem inibição.

Pego de surpresa, Júlio César fez a oração dos sábios. Após um momento de reflexão, resolveu contar alguns capítulos da sua vida que lhe trouxeram grande sofrimento. Sentiu que era o momento de se humanizar, cruzar a sua história com a história dos seus alunos. Inundado por intensa emoção, ele disse:

— Nos primeiros anos de escola eu sofri muito. Perdi meu pai quando eu tinha nove anos de idade. Jogávamos futebol, pescávamos e passeávamos juntos freqüentemente. Ele era meu melhor amigo. Era valente, forte, parecia imbatível, mas um dia sofreu um infarto fulminante. Da noite para o dia, perdi meu ponto de apoio — disse o professor, intensamente comovido.

Após uma pausa, continuou: — Além da dor insuportável de perder meu pai, um ano depois alguns colegas começaram a zombar de mim por causa da minha estatura e pelo tamanho do meu nariz. Estão vendo meu enorme tamanho? — brincou.

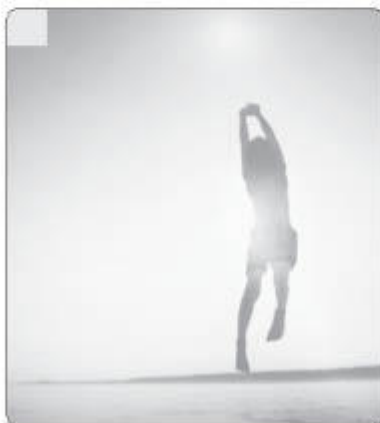
Os alunos sorriram. Em seguida, brincou novamente:

— Estão vendo essa bela ferramenta de respirar? Meu nariz não é lindo? — e apontou para seu avantajado nariz de descendente de italiano. — Sabem qual eram os apelidos que me machucaram muito na adolescência? — E respondeu em seguida: — Tampinha e Tucano. Vejam que as palavras até combinam — falou em tom de humor para uma classe que se deliciava em ouvi-lo. — Felizmente superei meus conflitos, mas vocês não imaginam a dor que senti por me sentir rejeitado. A dor da rejeição é uma das mais dramáticas experiências psíquicas. Sentia-me inferior aos amigos. Era inseguro, fechado, tinha medo de me aproximar de uma garota. — E brincou: — Hoje sei que sou lindo!

Para finalizar, o professor pediu para os alunos se levantarem, se abraçarem e dizerem uns para os outros que eram lindos. Foi uma festa. O diretor, ouvindo as gargalhadas, assustou-se. Dirigiu-se apressado até a classe. Ficou boquiaberto com tanta alegria.

Romanov também se dirigiu apressadamente ao local. Entrou no clima, abraçou muitos alunos. Afinal de contas, um dia os colegas e professores se separariam. Muitos teriam saudades uns dos outros, mas nunca mais se veriam. Portanto, tinham de aprender a se curtir e a criar amizades com raízes que suportariam os invernos da existência.

Bons alunos escondem certas
intenções, alunos fascinantes
são transparentes.



A memorável história de uma rainha

Sofia era uma professora de filosofia muito preocupada com o caráter dos seus alunos. Gostava de ler jornais, mas volta e meia estourava um escândalo na imprensa envolvendo corrupção de políticos, vantagens em licitações, fraudes, tráfico de influência. Sabia que havia líderes sérios e comprometidos com a sociedade, mas tinha consciência de que somente uma

safras de jovens transparentes, amantes da honestidade e fiéis à sua consciência poderia mudar os pilares da sociedade.

Certa vez, mais um escândalo estourou na imprensa envolvendo o presidente do país e seus principais assessores. Ela ficou preocupada com as consequências desse escândalo no inconsciente coletivo da juventude. Poderia desanimá-los a se tornarem líderes sociais, a não terem esperança na sua nação e poderia até bloquear seus sonhos.

No outro dia, perguntou o que os alunos pensavam dos políticos. A visão pessimista dos jovens a assustou. Uns responderam que era a melhor maneira de ganhar dinheiro, outro disse que raramente algum presta e ainda outros diziam que todos eram farinha do mesmo saco. Alguns ainda disseram que, quando crescessem, queriam ser políticos, para levar vantagem em tudo.

Preocupadíssima, ela disse que corrupção havia em todos os países, o que diferia era a frequência e intensidade do procedimento.

— Uma pessoa corrupta — disse ela — é egocêntrica, individualista, não tem tranquilidade, possui uma dívida impagável com sua própria consciência. Uma pessoa corrupta nunca será um grande líder social, pois não é líder de si mesma.

Querendo treinar o caráter dos seus alunos, ela contou-lhes uma fascinante história que mudaria para sempre a visão de muitos deles.

Há muitos anos um poderoso e inteligente príncipe queria encontrar a mulher da sua vida. Seu pai estava doente e ele estava para se tornar rei. Porém, não queria errar na escolha, afinal de contas a jovem com quem se casaria se tornaria a rainha. Sonhava que quem reinasse com ele fosse gentil, dócil, amável e principalmente transparente.

O maior medo do futuro rei era de que a mulher com quem se casasse valorizasse mais seu reino do que ele

mesmo, mais os privilégios da corte e seus tesouros do que o seu amor. Os ministros do reino consideravam a preocupação do príncipe imatura. Alguns o achavam frágil e pouco inteligente, indigno da coroa.

Consultou os sábios para saber como não errar nessa decisão tão importante. Os sábios disseram que ele deveria casar-se com uma jovem riquíssima do próprio reino ou, melhor ainda, deveria desposar a filha de um poderoso rei de outra nação. Assim, alargaria suas fronteiras.

O reino estava envolvido em disputas internas malévolas. Devido à doença do rei, alguns ministros, generais, coletores de impostos aproveitaram a situação para se corromper, disse a professora de filosofia. Em seguida, adicionou:

— A falta de liderança é um canteiro para o individualismo. Escolher a futura rainha era importante para manter a unidade do reino. Muitos achavam que se o príncipe não mostrasse inteligência para encontrar sua esposa, não teria inteligência para governar seu reino.

Encontrando a resposta na natureza

Desanimado com os conselhos que lhe deram, o príncipe saiu pelos campos a pensar. Depois de horas de meditação, caiu-lhe algo na cabeça. Levou as mãos para ver o que era e ficou fascinado, era uma semente amarela e pequena. De repente, veio-lhe a euforia, pois encontrara sua resposta. Parecia embriagado de alegria.

Resolveu promover uma festa para que as moças interessadas em casar-se com ele pudessem apresentar-se. Foram convidadas jovens de vários outros reinos, bem como as do seu território, especialmente as mais ricas.

Trabalhava no castelo, como serva, uma senhora que tinha uma linda e singela filha, chamada Priscila. Quando

comunicou a Priscila que o príncipe iria casar-se e que ele daria uma grande festa para escolher a noiva, ela disse que se apresentaria como candidata. Priscila o admirava sem o conhecer pessoalmente, pois sua mãe sempre contava sobre a bondade, simplicidade e inteligência do jovem herdeiro.

Uma mulher rica do reino, cuja filha participaria do concurso, ficou sabendo da intenção de Priscila. Chamou-lhe a mãe e, com arrogância, disse-lhe:

— Sua filha está delirando, sonhando com o impossível! A filha de uma serva jamais poderá ser uma rainha. É contra os princípios.

Profundamente entristecida, mas achando que essa mulher estava correta, a mãe de Priscila comentou as frases cortantes que ouvira. A jovem, abalada, rebateu:

— Mamãe, nós somos pobres, mas somos seres humanos! O dinheiro compra carruagens, mas não compra a felicidade, compra roupas tecidas com fios de ouro, mas não compra o valor de uma pessoa — falou a jovem com dignidade.

Apesar de ser pobre, Priscila queria ser tratada com dignidade. Sabia que não tinha chance nenhuma de ser a escolhida, mas queria aproveitar a oportunidade para ficar perto do príncipe. Amava um desafio. Ela possuía uma beleza interior que contagiava as pessoas. Muitas jovens ricas gostavam de ficar perto dela.

— Priscila tinha três jóias que valiam mais que diamantes: simplicidade, generosidade e transparência — disse Sofia. E perguntou para toda a classe: — Quais dessas jóias vocês possuem?

Os alunos ficaram pensativos. Em seguida, a professora continuou contando sua história. Disse que algumas jovens filhas de lordes eram boas alunas, conseguiam notas altas nas provas, mas simulavam seus comportamentos. Ninguém sabia o que elas realmente pensavam ou sentiam. Gostavam de se

exaltar e contar vantagens, em busca das migalhas dos aplausos. Algumas mentiam até para si mesmas.

Entre essas jovens estavam Helena e Barbie. Elas conheciam Priscila e tinham inveja dela, não admitiam que a filha de um camponês com uma empregada do palácio fosse tão sociável e cativante. Duas semanas antes do concurso, elas a encontraram e a estimularam a participar dele. Pareciam estar sendo generosas.

Na realidade, estavam simulando sua verdadeira intenção. Queriam que Priscila fosse zombada publicamente, pois achavam que somente alguém perturbada poderia ter a coragem de concorrer ao lado delas e de outras belas moças, com os mais belos vestidos e com as mais belas jóias do reino.

Um desafio aparentemente simples

O grande dia chegou. Centenas de jovens finamente trajadas estavam no saguão do grande palácio. Ao ver Priscila e observar seu vestido de cima a baixo, algumas jovens não contiveram seu sorriso de deboche. Aparentemente seu vestido era o mais simples e o mais feio. Helena e Barbie se aproximaram uma da outra e disseram:

— Coitada! Descobriram a boba da corte.

Priscila ouviu que estavam zombando dela e entendeu afinal qual era a verdadeira intenção delas.

De repente, ao som de trombetas, o príncipe apareceu com seus ministros, generais e sábios do reino. Todas as jovens suspiraram. Ninguém sabia o que as aguardava. Nem os que rodeavam o príncipe sabiam como se daria o processo de escolha. Um momento solene de silêncio se fez. Subitamente o príncipe abriu a boca e aos brados lançou um desafio:

— Cada uma de vocês receberá uma semente para ser cultivada. Daqui a três meses darei um grande baile. Aquela que me trouxer a mais linda flor será a escolhida para ser a rainha — disse o príncipe com singeleza e espontaneidade.

Todas as moças acharam estranho o desafio do príncipe. Era muito simples a tarefa. Animadas, a maioria saiu do palácio convicta de que receberia a coroa. Os sábios e os ministros do reino menearam a cabeça achando que realmente o jovem era despreparado para governar. Jamais viram um príncipe tão ingênuo e destituído de inteligência. Um cargo tão grande merecia um desafio à altura, pensaram.

Várias pretendentes, julgando-se espertas, entenderam que o príncipe pretendia na verdade era que o estilo dos cabelos, das vestes e dos movimentos do corpo fossem tão belos como uma flor.

O drama de Priscila

Priscila pegou a sua semente, plantou-a num vaso e, apesar de pouco entender de jardinagem, cuidava da terra com muita paciência e ternura. Sonhava com a planta que nasceria e com a belíssima flor que dela surgiria. Às vezes, libertava sua imaginação e sentia até seu perfume.

Passou-se uma semana e a planta não nasceu. Priscila ficou preocupada. Regava mais ainda, deixava cair a cada hora algumas delicadas gotas de água. Duas semanas se passaram e o broto não surgiu. A moça esmerou-se ainda mais nos seus cuidados. Aconselhou-se com pessoas experientes.

Alguns jardineiros disseram que a semente não nasceu porque ela colocou muita água, outros, adubo em excesso, e ainda outros porque compactou demais a terra do vaso. Todos foram unânimes em dizer que, independente da causa, se a semente não eclodiu em quinze dias dificilmente nasceria.

Desesperada, via seu sonho cada vez mais distante. Apesar da frustração, não conseguia dissipar seu amor pelo príncipe.

Um mês se passou e o vaso continuava sem vida. Enquanto derramava as gotas de água, as gotas de lágrimas também caíam no recipiente. Dois meses se passaram e seu coração estava partido. A flor não brotou e seu coração se entristeceu.

Sofia fitou os olhos dos seus alunos e disse-lhes:

— Algumas pessoas aconselharam que ela plantasse outras sementes. Afinal de contas, ninguém descobriria. O que vocês fariam? Plantariam outras sementes? Vale a pena obter o sucesso a qualquer preço?

Alguns na classe acharam que não havia mal algum em plantar outra semente. Segundo eles, os fins justificam os meios. Mas Priscila rejeitou essa idéia.

Três meses se passaram e o pequeno vaso continuava estéril, sem vida. Vendo-a abatida, as pessoas próximas aconselharam que ela jamais retornasse ao concurso. Todos sabiam que Priscila era gentil, mas, ao mesmo tempo, determinada e teimosa. Depois de muito meditar e de estar consciente de que fez de tudo ao seu alcance, disse, para espanto de todos, que iria ao baile e levaria seu vaso, mesmo sem planta.

— É loucura! — diziam os amigos.

— Será um vexame! — diziam os parentes.

Sua mãe fez um último esforço para ela não retornar ao palácio. Vendo a dor da mãe, Priscila derramou novamente algumas lágrimas que borraram a sua maquiagem e molharam seu vestido simples. Para consolar a mãe, disse-lhe:

— Poderei passar vergonha mais uma vez, mamãe, mas serei honesta comigo mesma. Não consegui cultivar a semente e vou assumir meu erro.

Quando chegou ao baile, perturbou-se muitíssimo. Viu todas as outras pretendentes segurando vasos com as mais

lindas flores, uma mais linda do que a outra. Os vestidos combinavam com as cores das pétalas. Era algo sublime.

Ao ver Priscila, mais uma vez, várias pretendentes debocharam dela. Dessa vez o deboche foi mais aparente. Deram gargalhadas incontroladas, não apenas porque não possuía jóias e seu vestido era simples e fora de moda, mas porque seu vaso não tinha flor, não possuía vida. Humilhada, começou a entrar em pânico e pensou em desistir.

De repente, as cornetas tocaram triunfalmente. Todas ficaram em profundo silêncio. Quando o príncipe chegou, elas suspiraram. Ele pediu para que elas formassem filas. Elas, eufóricas, enfileiraram-se. O príncipe se aproximou de cada uma delas. Olhava para seus olhos e para a formosura da flor. Em seguida, perguntava seus nomes.

Quando chegou diante de Priscila e viu o vaso sem flor e seu vestido com gotas de lágrimas, meneou a cabeça e nem sequer seu nome perguntou. As moças que estavam próximas colocaram seus lenços na boca para que não se ouvisse o som das suas risadas.

Os líderes do reino observavam atentamente os gestos do príncipe e se entreolhavam. Depois de três horas, e de analisar flor por flor, o príncipe sentou-se no seu trono. Em seguida, pediu que as moças fizessem uma grande roda no salão nobre do palácio. Disse que sua decisão tinha sido tomada e que a jovem que ele tirasse para dançar seria a escolhida.

Além das moças e dos líderes do reino, havia reis e nobres na lateral do salão torcendo por suas filhas. Chegou o grande momento.

As pessoas transparentes fazem a diferença

A professora de filosofia, mais uma vez, dirigiu-se aos seus alunos e perguntou:

— Quem o príncipe escolheria? Que parâmetro usaria para encontrar sua rainha?

Os alunos ficaram perdidos. Não tinham respostas. Estavam ansiosos para saber qual era a decisão. Sofia continuou. O príncipe foi para o meio do salão. Passou seus olhos sobre a roda de mulheres e, para surpresa de todos, foi até a jovem que não tinha flor nenhuma no vaso, beijou suas mãos e, emocionado, disse-lhe:

— Qual seu nome?

Com os lábios trêmulos, ela lhe disse:

— Priscila.

— Minha rainha! Priscila, você aceita dançar comigo e ser minha esposa? — falou com suavidade.

Priscila caiu em prantos. Todos estavam perplexos. O burburinho foi geral. Ninguém entendeu sua atitude. Os ministros e sábios achavam que o príncipe estava delirando. Os generais pensaram que ele estava brincando.

Então, calmamente, explicou em voz alta:

— Para se tornar uma rainha, é preciso cultivar uma flor muito especial: a flor da transparência, da cumplicidade, da honestidade diante de si mesma. Sem tal característica não é possível amar, governar, liderar, ser fraterno e justo. Todas as sementes que entreguei a vocês eram estéreis e delas não poderia nascer uma flor. Portanto, a única pessoa que foi transparente, enfrentou sua vergonha, frustração, deboche e provou seu amor incondicional por mim foi a Priscila.

Em seguida, num momento de rara inspiração, ele completou:

— Seu vaso não precisa de flor, pois ela representa a flor que não nasceu.

Os sábios do reino ficaram boquiabertos, jamais viram tanta sabedoria. Os ministros, rígidos e interesseiros, ficaram assombrados com a inteligência de seu rei. Entenderam que estavam diante de um dos homens mais sublimes que já

conheceram. Os demais presentes, inclusive a maioria das outras pretendentes caíram em aplauso. Aplaudiram a inteligência do rei e a sensibilidade e transparência da rainha.

Priscila foi generosa com quem a maltratou, foi delicada com quem a perseguiu. Foi digna da coroa que carregava em sua cabeça, porque já havia um tesouro em sua personalidade. Sabia que uma rainha não era mais importante do que um súdito, pois conhecia a dignidade de cada ser humano.

Vários alunos na classe também estavam emocionados. Nesse clima de comoção, a professora Sofia lhes disse:

— Nunca se esqueçam de que se vocês quiserem brilhar como alunos, como filhos e, no futuro, como excelentes profissionais e como líderes sociais, precisam cultivar todos os dias a flor da transparência.

A professora pegou um giz, dirigiu-se ao quadro-negro e escreveu:

Bons alunos escondem certas intenções, mas alunos fascinantes são transparentes. Eles sabem que quem não é fiel à sua consciência tem uma dívida impagável consigo mesmo. Não querem, como alguns políticos, o sucesso a qualquer preço. Só querem o sucesso conquistado com suor, inteligência e transparência. Pois sabem que é melhor a verdade que dói do que a mentira que produz falso alívio.

E completou dizendo que, quem desenvolver o hábito da transparência, será um excelente debatedor de idéias, superará a timidez, refinará a sabedoria, influenciará pessoas, brilhará profissionalmente e mudará os rumos da sociedade. Ainda se alguns tentarem enterrar suas idéias, não se esqueçam de que as idéias são sementes e o maior favor que se faz a uma semente é enterrá-la.

Em seguida, num golpe de reflexão, a professora acrescentou que muitos políticos, empresários, líderes de

instituições estão despreparados para assumir o poder. Quando assumem o poder se transformam, se tornam orgulhosos, inatingíveis, inacessíveis e, diferente de Priscila, negam as suas raízes, esquecem de onde vieram.

— Quem ama o poder e não o poder de amar não é digno de ser um líder — finalizou.

Os alunos ficaram assombrados com essas palavras. Alguns saíram atônitos da escola. Alguns prometeram para si mesmos que com respeito e gentileza jamais se calariam, seriam debatedores de idéias durante toda a sua vida.

Os anos se passaram e do pequeno grupo saíram alguns grandes líderes sociais, pessoas que lutaram contra injustiças, batalharam contra todo tipo de discriminação, influenciaram pessoas e mudaram os rumos da sociedade.

Bons alunos se preparam para
receber um diploma, alunos fascinantes
se preparam para a vida.



O espelho do futuro: uma história que poderia ser a sua

Ronaldo se julgava o bom do pedaço, gostava de controlar a turma. Era musculoso, achava-se o bonitão da classe. Tinha um falar agressivo, não tinha medo de enfrentar seus colegas e desafiar seus professores. Não compreendia

que o diálogo era a arma dos fortes e a agressividade, a ferramenta dos fracos.

Ronaldo não suportava ser contrariado. Ninguém lhe podia apontar um defeito. Se alguém o confrontasse, ele freqüentemente resolvia a intriga na brutalidade. O único foco de agressividade da escola era produzido por Ronaldo e sua turma. Sua classe era a mais difícil e resistente. Eles já estavam para terminar o ensino médio e muitos tentariam uma faculdade.

Ronaldo sabia da revolução que o time de professores liderados pelo professor Romanov estava fazendo na escola, mas resistia às mudanças. Ele era o aluno de melhor condição financeira. Como havia sido expulso de várias escolas por má conduta, como não havia solução para ele, fora transferido há dois anos para a famosa Escola dos Pesadelos.

O maior erro de Ronaldo era zombar dos alunos mais tímidos. Debochava deles na frente dos outros colegas, colocava apelidos que os humilhavam. Transformava-os em palhaços da platéia. Havia um colega de classe, chamado Paulo, que era o preferido para Ronaldo caçoar.

Paulo era calado e gordinho. Quase todos os dias Ronaldo o humilhava. Apesar dos professores fascinantes, Paulo perdeu o prazer de freqüentar as aulas. Sofria ocultamente pelos cantos da escola e nenhum colega ou professor enxergava sua dor.

Ao vê-lo aproximar-se, Ronaldo se transformava. Gritava bem alto: “Lá vem o botijão de gás”. Às vezes, dava um grito imitando um filhote de elefante. Sua turma se esbarrachava de rir. Tinha esse comportamento longe dos professores, pois sabia que eles já tinham feito uma campanha contra um tal de fenômeno *bullying*. Mas como nunca se ligava em campanhas, nem sabia do que se tratava.

Pouco a pouco, Paulo perdeu o brilho, não mais sorria, estava angustiado, deprimido, tinha constantes dores de cabeça e gastrite. Alguns alunos mais sensíveis não

concordavam com as atitudes de Ronaldo, mas eram dominados por ele. Paulo era um palhaço de um circo do qual nunca quis participar.

Em alguns momentos, pensava que não mais valia a pena viver. Em outros, pensava em se vingar de todos os seus agressores. Como seus pais não tinham um diálogo aberto com ele, não percebiam a sua dor intensa. Paulo dizia apenas que queria mudar de escola, mas seus pais não permitiam.

O livro!

Um amigo que pode mudar uma vida

Certa vez, o professor Romanov, ao sair da escola, viu Paulo abatido. Tentando disfarçar seus olhos molhados, enxugou o rosto em sua camiseta, mas o professor percebeu. Chamou-o à parte e perguntou o que se escondia atrás da sua expressão facial.

— Se não sou digno que você se abra comigo, você tem liberdade de partir — disse Romanov ao jovem.

Constrangido e pego de surpresa, pela primeira vez, falou da rejeição que sofria diariamente na escola e da sua crise depressiva. Disse que estava pensando em dar um fim na sua vida. Chocado, o professor entendeu que havia um aluno carrasco que não aprendera minimamente a arte da sensibilidade. Ronaldo não sabia colocar-se no lugar dos outros nem percebia as conseqüências do seu comportamento.

Romanov perturbou-se ao saber que, por mais esforço que fizesse, poderia ocorrer uma tragédia, um suicídio, diante dos seus olhos e dos olhos dos demais mestres. Colocou as mãos nos ombros do seu aluno e pediu para ele não desistir da vida.

No dia seguinte, deu-lhe um presente: um livro. E, instigando-lhe a inteligência, falou-lhe:

— Em alguns momentos difíceis de nossa vida, um bom livro pode ser nosso melhor amigo. Você viaja enquanto lê, você se procura nas linhas dos textos. Um bom livro pode trazer força nas dificuldades, coragem na dor e inteligência nos momentos em que ninguém o compreende.

Em seguida, afirmou:

— Paulo, nossos maiores inimigos não estão no exterior, mas dentro de nós mesmos. O seu medo, raiva, sentimento de inferioridade e de falta de sentido de vida é que o corrói. Não se entregue.

Após essas rápidas palavras, o professor saiu. Não estava tranquilo.

O professor encaminhou Paulo para a psicoterapia, mas seus pais não tinham dinheiro para pagar. O serviço público de saúde oferecia o tratamento gratuito, mas só no papel, porque na prática demorava seis meses para se encontrar vaga.

Paulo pegou o livro. Não era alguém que amava ler. Mas estava tão desesperado que poderia tentar. O livro se chamava *O vendedor de idéias*. Tratava-se de uma ficção que contava a história de um personagem chamado Flávio, que outrora fora um brilhante professor universitário, que encantava seus alunos, mas um dia sua emoção passou por um vendaval. Perdeu sua família num acidente e desenvolveu uma grave depressão.

Flávio não via mais razão para viver, chorava com frequência, não dormia, não se alimentava direito, isolava-se de todo mundo, inclusive da sala de aula. Foi incompreendido, desacreditado e rejeitado. Muitos achavam que ele não se levantaria mais. Perdeu dinheiro, trabalho e amigos.

Queria fugir do mundo, mas não conseguia fugir de si mesmo. Pensou em desistir da vida, mas felizmente não se abandonou. Com ajuda do seu psiquiatra e da psicóloga que o assistiu, procurou encontrar o mais brilhante de todos os endereços, o endereço dentro de si mesmo. Ao invés de lutar

contra a vida, lutou a favor dela. Batalhou contra os fantasmas da sua mente, gerenciou seus pensamentos negativos e lentamente superou seu caos emocional.

Quando superou sua miséria emocional, ficou mais rico interiormente. Voltou a brilhar no pequeno e importantíssimo palco da sala de aula. Como professor, tornou-se um vendedor de idéias que estimulava a mente dos seus alunos a voar alto, a não ser vítima dos seus problemas, crises, humilhações, sentimentos de inferioridade.

A leitura do livro comoveu Paulo e o fez identificar-se com alguns aspectos do personagem. Viu que havia pessoas num estado pior que o dele, mas que ainda assim se superaram e se tornaram melhores do que eram. Ficou tão impressionado com algumas frases que lera, que as anotou em todos os seus cadernos:

A grandeza de um ser humano não está no quanto ele sabe, mas no quanto ele tem consciência que não sabe. O destino não é freqüentemente inevitável, mas uma questão de escolha. Quem faz escolha, escreve sua própria história, constrói seus próprios caminhos.

Paulo convenceu-se de que sabia pouco sobre os mistérios da existência e sobre a própria vida. Sentiu que somente enxergando sua pequenez poderia tornar-se um grande ser humano.

Começou a perceber que ele mesmo era seu pior carrasco, que ninguém poderia fazer-lhe mal se ele não permitisse. Precisava fazer escolha, traçar seu destino. Foi apenas o começo de uma longa e sinuosa estrada que teria de percorrer. Ainda se sentia humilhado pelos seus colegas e tinha momentos de ataques de raiva, mas que nunca eram expressos.

Na semana posterior, o professor Romanov daria uma aula na sala de Paulo. Queria comentar o drama de Paulo, mas

tratar esse assunto diretamente com Ronaldo era delicado. Se o professor chamasse a atenção de Ronaldo, achava que ele não seria transparente, negaria tudo o que Paulo havia dito. Portanto, não ajudaria nem um nem outro. Mas não podia ficar calado. Tinha algo muito importante para dizer a toda a turma.

Procurou a melhor forma de introduzir o assunto. Logo após dar sua aula de física, disse-lhes:

— A vida é como o movimento dos planetas, dá incontáveis voltas. Cuidado, turma: a pessoa que vocês desprezam hoje poderá ser o único ombro que vocês terão para chorar um dia.

Com incrível maestria, contou-lhes uma encantadora história que fez todo mundo refletir sobre seus comportamentos e seu futuro.

Disse que ser humilhado é uma das experiências mais angustiantes para o ser humano. Se não for superada, ela se torna inesquecível e devastadora. Contou uma marcante história que ocorreu nos EUA em 1980.

Havia um jovem cujo nome era David, que morava na periferia de Nova York. Ele era objeto de deboche, humilhação, de uma pequena gangue constituída de dez jovens da sua própria escola. A gangue era liderada por Robert.

David era retraído, isolado, tinha dificuldade de se enturmar com as garotas. Seu rosto era cheio de sardas e espinhas. Alguns o apelidaram de “Cratera” e, como tinha um péssimo desempenho no esporte, Robert o chamava de “desastre ambulante”. Dizia que a melhor maneira de perder num esporte era convidá-lo a estar no seu time. Por duas vezes Robert o esbofeteou. Numa delas, arrancou sangue no canto esquerdo da sua boca.

Um dia, ao vê-lo passar, Robert colocou sutilmente um dos pés na sua frente e o fez tropeçar diante de todos. Os cadernos voaram e ele se esborrachou no chão. Foi um ato violento, covarde e sem nenhum motivo, apenas pelo prazer de

vê-lo sofrer. Ninguém o ajudou a se levantar, nem recolheu sequer um de seus cadernos.

A turma morreu de rir. David levantou-se lentamente. Se reagisse, poderia ser espancado. Seus lábios se cortaram. Limpou o sangue com sua camisa e manchou-a. Com lágrimas descendo pelo rosto, olhou para Robert e balbuciou essas palavras:

— Espero que, um dia, se você cair e precisar de mim, eu o ajude a se levantar — e em silêncio recolheu seus cadernos.

Robert, querendo sair por cima, rebateu:

— Quem é você para me dar lição de moral, cara! Você é que tropeçou em mim. Peça desculpa! Senão você vai ter de me enfrentar.

Romanov disse que nesse momento Robert e sua gangue se levantaram para ameaçá-lo. Amedrontado, David abaixou a cabeça e disse baixinho:

— Desculpa.

Robert, como se fosse dono do futuro e do mundo, disse autoritariamente:

— Vê se se enxerga! Você é um pobretão.

Humilhado e ferido física e emocionalmente, David deixou o ambiente. A condição financeira da família de Robert era muito boa. David era pobre, seus pais não tinham casa própria e o carro deles era o mais velho dos que apareciam na escola.

Robert achava que o dinheiro dos seus pais seria inesgotável. Suas roupas, seus tênis, seus sapatos, eram sempre de *griffe*. Era um consumista de primeira. Zombando de David, dizia que suas roupas eram da marca “MN”: Marca Nenhuma.

Ronaldo se deliciava com a primeira parte da história. Identificava-se com o Robert, parecia um herói. Não sabia a catástrofe pela qual passaria.

Seguindo caminhos diferentes

O mestre da vida, Romanov, continuou a contar a segunda parte da história. Após terminar o ensino médio, a turma se separou. Cada aluno tomou um rumo. Alguns foram trabalhar, outros foram fazer faculdades e mudaram de bairro ou de cidade. David e Robert não se viram mais.

Robert casou-se, teve dois filhos. Como levava tudo na brincadeira, parou a faculdade no meio do curso, pediu dinheiro para o pai e montou uma empresa. Achava que ficaria rico em pouco tempo, pensava que o mundo se submeteria à sua força. Grande engano! Não sabia trabalhar em equipe, não criava oportunidades, nem pensava no amanhã. Só se preocupava com o prazer imediato. Faliu depois de um ano. Perdeu todo o dinheiro que seu pai lhe dera.

Em seguida, arrumou um emprego, mas ficou nele menos de um ano. Como não era gentil, solidário, teve atritos com alguns funcionários e, por isso, foi despedido. Arrumou outro, mas não se dedicava, sentia ciúme das pessoas, não sabia cooperar com seus colegas. Depois de seis meses, foi novamente despedido. Não parava em emprego algum.

Robert pegou dinheiro emprestado dos seus pais, que estavam agora atravessando uma crise financeira. Resolveu montar outro negócio próprio. Convenceu-os, dizendo que ficaria rico. Entretanto, mais uma vez, fracassou. Foi vítima de uma ferida mortal que destrói o sucesso de qualquer empresa: não planejou seus gastos e, além disso, gastava mais do que ganhava. Um ano e meio depois, Robert faliu de novo.

Romanov fitou a classe e disse:

— Como sempre foi um péssimo aluno na escola da vida, colhia os frutos que plantou. Nos últimos tempos, estava desempregado, só fazia serviços temporários aqui e acolá. O Robert autoritário dos tempos do colégio desapareceu. Andava

ansioso, abatido. Sentia vergonha das pessoas. Atrasava o aluguel da casa.

Em seguida, continuou dizendo que o dinheiro que ganhava não dava para sustentar seus filhos. Seus pais o ajudavam, mas eles atravessaram uma crise financeira e haviam perdido quase tudo. Carro, nem pensar. O seu estava quebrado na garagem havia meses. Não tinha dinheiro para consertá-lo.

Fez entrevistas em várias empresas na esperança de que alguma o chamasse. Mas, nada. Um dia, desanimado, leu mais uma vez nos classificados de um jornal que uma empresa estava contratando novos funcionários. Mais do que depressa, arrumou-se e foi até ela.

O predador encontra a presa

Romanov comentou que era uma grande empresa. Possuía mais de mil funcionários. Seu escritório era enorme. A fachada era de vidro azul espelhado. Suas salas eram espaçosas. Robert ficou encantado. Deixou seu currículo e uma semana após foi chamado para a entrevista. Entretanto, havia uma fila enorme de pessoas sendo entrevistadas. Pensou: “Não vou conseguir”. Entrou na fila e esperou. Após seis longas horas, chegou sua vez.

Logo antes de ser chamado para a entrevista, viu uma pessoa vindo em sua direção, cumprimentando a faxineira e o guarda do prédio. Pensou: “Esse coitado pensa que sendo gentil conseguirá um emprego aqui”. Distraiu-se um pouco, deu alguns passos e, sem perceber, virou-se novamente e tropeçou justamente na pessoa que fazia aqueles cumprimentos. Caiu ao chão e a pessoa na qual tropeçou pediu desculpas e gentilmente o levantou.

Ao se levantar, Robert olhou fixamente para ela. Parecia que a conhecia. Em seguida, um estalido na memória.

— David! Eu não acredito, você aqui!

David estava mais magro, bem-arrumado, mas sem exagero. Ao se reconhecer, abraçaram-se. Robert tinha perdido uma boa parte do ar de prepotente devido às turbulências que passou na escola da vida. Mas, diante do David, não podia deixar de tirar uma casquinha. Fez uma pergunta tentando novamente humilhá-lo:

— E aí, David, há quanto tempo você está na fila?— perguntou-lhe.

Humilde, como sempre, David respondeu:

— Desde as sete da manhã.

Robert fez os cálculos e exclamou:

— Caramba! Você já está há mais tempo do que eu e ainda não foi atendido. — E, tentando ser superior, disse: — Talvez seja porque seu currículo não seja bom.

— Talvez o seu seja melhor do que o meu — disse David.

— Creio que você está precisando mais desse emprego do que eu.

— Creio que preciso mais dessa empresa do que você — falou David com segurança e bom humor.

— Para conseguir um emprego aqui, o cara tem de ser bom. Mas não desanime, você pode conseguir — comentou Robert, querendo mostrar que sua capacidade era superior à de seu ex-colega de classe.

— Você conhece o dono? Pode falar sobre mim? — pediu-lhe David, pois havia várias vagas na empresa.

Orgulhoso, Robert lhe disse:

— Eu o conheço, mas não sei se posso dar-lhe uma força. Vou tentar. — Despediram-se.

Um dos diretores da empresa, bem vestido, de terno e gravata, observava, admirado, a conversa dos dois. Quando

David se afastou, ele veio lentamente e se aproximou de Robert:

— De onde o senhor conhece o dr. David?

— Dr. David? Ah! O David. Era meu colega de colégio. Coitado, era o patinho feio da classe.

— Mas o homem com quem o senhor estava conversando é o dono da empresa.

— Não, você está enganado. Ele é um coitado. Está há oito horas na fila tentando arrumar um emprego.

A presa encontra o predador

O funcionário insiste em dizer que Robert está enganado.

— Não, ele é o dono da empresa.

— Não é possível! Eu o conheço — disse Robert com ar de deboche.

— Qual o nome todo dele? — perguntou Robert, já com um nó na garganta.

— David Smith.

Robert engoliu saliva. Estava incrédulo, paralisado. Seu mundo desmoronou. Queria estar em qualquer lugar do mundo, mas não naquele local. Lembrou-se da violência que praticou contra David e até do sangue que lhe tirou. Começou a suar frio e ter taquicardia. Saiu da empresa mudo, desesperado, ansioso. Sentia tontura nas ruas. Mal conseguia ver os carros.

Romanov disse que Robert tinha certeza de que não seria ajudado, mas humilhado. Teve uma longa noite de insônia. Recordava de toda a sua agressividade e se perturbava. Não entendia por que David foi tão longe, se tornou tão rico, teve tanto sucesso, e ele só colecionou fracassos.

No outro dia, recebeu, logo pela manhã, um telefonema da empresa. Estava sendo chamado para uma segunda

entrevista. Receoso, dirigiu-se para lá. Ao se apresentar na secretaria, recebeu o recado de que o dr. David queria falar pessoalmente com ele. Imaginou que o David devolveria toda a agressividade que recebeu. Ao entrar na sala, estava sem cor, trêmulo.

Ficou impressionado com o tamanho da sala. David pediu gentilmente para ele se sentar. Robert se afundou na cadeira. David propositadamente manteve o silêncio. Não falou nada. Com a voz embargada, Robert iniciou a conversa:

— Desculpe-me por tudo que fiz você sofrer na escola.

David lembrou-se das ofensas, das chacotas, das rejeições e da vez que Robert passou-lhe o pé e o fez cair diante dos amigos. Agora, as posições se inverteram. Tinha tudo para humilhar quem sempre o humilhou. A vingança estava em suas mãos, mas, caso se vingasse, não seria diferente dele. Com segurança, disse-lhe:

— Tive de aprender a pensar para sobreviver. Vivi longos períodos de dor, isolamento, lágrimas silenciosas. Mas os sofrimentos que você e outros colegas me causaram nutriram minha força. Tive de ter grandes sonhos para me motivar a superar os meus conflitos...

Fez uma pausa prolongada e expressou:

— Eu pensei seriamente, dia e noite, em vingar-me de você e de toda a turma, mas um dia eu li em um livro que a maior vingança que podemos fazer contra um inimigo é perdoá-lo. Se eu não os perdoasse, vocês viveriam dentro de mim, destruiriam meu prazer de viver e os meus projetos de vida, por isso há muito tempo eu os perdoei. Eu entendi que ninguém faz os outros infelizes, se primeiramente não for infeliz.

Robert, que sempre fora uma pedra de gelo, começou a se emocionar.

— Não se preocupe, meu amigo! — disse gentilmente David, percebendo seu drama. — Olhei a sua ficha e vi que

você tem dois filhos. Sei que passou por várias dificuldades, ficou desempregado um bom tempo e viveu um imenso deserto. Gostaria de descobrir suas qualidades. Quero dar-lhe uma oportunidade...

Robert ficou pasmo. A frase que David disse nos tempos de escola foi resgatada da sua memória e, como um raio, penetrou no palco da sua mente: “Espero que o dia em que você cair e precisar de mim, eu o ajude a se levantar!”.

Em seguida, ligou para a sua secretária e pediu para chamar algumas pessoas que estavam na sala de espera. Eles entraram. Quando Robert os viu, quase desmaiou. Ficou ofegante, parecia um filme. As três pessoas que entraram pertenciam ao grupo que ele liderava. Todos estavam desempregados ou em empregos mal remunerados e David os empregou e os ajudou um por um. Tornaram-se funcionários da sua corporação.

Os três colegas sabiam do drama de Robert e comunicaram a David. Orientados pelo próprio David, eles fizeram chegar sigilosamente a Robert o jornal que anunciava a contratação de funcionários para a empresa. Foi assim que todo o episódio se desenrolou. Após se abraçarem, David disse a Robert:

— Que tal você trabalhar na área de recursos humanos? Na área que, entre outras coisas, cuida da seleção, treinamento e do bem-estar dos funcionários.

Perplexo, Robert comentou:

— Trabalhar na área de recursos humanos? Como poderei cuidar do bem-estar das pessoas, se não sei elogiar, se sempre fui agressivo, se nunca liderei ninguém?

David, interrompendo a fala de Robert, disse:

— Você maltratou a vida e a vida respondeu maltratando-o. Você feriu e foi ferido pela vida. Você humilhou e foi humilhado por ela. Muitos erram, mas poucos transformam

seus erros em experiência. Levante-se! Lute pelo que você ama.

O grande empresário David, que tinha milhares de funcionários e não precisava curvar-se diante de ninguém, curvou-se humildemente diante de Robert para resgatá-lo do seu caos.

Nesse momento, Romanov fez uma pausa na sua história. Olhou para Ronaldo e percebeu que nessa terceira parte ele estava profundamente reflexivo. Foi um pequeno passo, mas importante começo para que ele tenha chance de sobreviver numa sociedade que exigia criatividade no lugar da força, ousadia no lugar da brutalidade, trabalho em equipe no lugar do individualismo.

O futuro tem muitos nomes

Em seguida, Romanov continuou dizendo que Robert se animou. Estava no fundo do poço, mas David o levantou. A presa valorizou seu predador e o transformou num ser humano.

Logo depois, David lhe contou qual foi um dos grandes amigos que mudou sua vida. Robert começou a pensar quem seria. David lhe disse:

— O livro! — Robert detestava ler. Em seguida, David completou: — O livro é uma das maiores conquistas da humanidade. O livro faz o ofegante respirar, o abatido animar-se, o pensador encontrar idéias. Os livros fazem as crianças terem sabedoria e os idosos voltar a ser crianças.

Robert ficou impressionado com a sabedoria de David, não imaginou que ele fosse tão inteligente. Para encorajá-lo ainda mais a mudar a sua história, David disse-lhe uma rica e profunda frase do brilhante escritor Victor Hugo:

— *O futuro tem muitos nomes. Para os fracos, é o inatingível. Para os temerosos, o desconhecido. Para os valentes, é a oportunidade...* Seja valente, mude o seu futuro. Agarre essa oportunidade...

As palavras de David ecoaram dentro de Robert como uma bomba. Ele aceitou o desafio. Estava impressionado com a força e a coragem de alguém que ele considerava tão tímido e frágil. Agarrou como nunca a oportunidade que seu amigo lhe deu.

Aquele homem rude começou a ser lapidado. Aprendeu a ser pequeno para se tornar grande. Entendeu finalmente que ninguém é digno da sabedoria se não usar suas lágrimas para irrigá-la.

Romanov finalizou a sua história diante de uma classe completamente emudecida pelas lições que aprendeu. Antes de sair, escreveu na lousa:

As pessoas que hoje desprezamos ou fazemos tropeçar poderão um dia ser as mãos que ajudarão a nos levantar.

Paulo ficou impressionado com a história que ouviu. A leitura do livro com que o professor Romanov o presenteou já lhe havia causado grande impacto, agora entendeu que deveria deixar de ser vítima das agressividades dos seus colegas. Deveria usar as ofensas para irrigar a sua coragem. A partir daí, parou de se deprimir, de se intimidar. Quando alguém o humilhava, ele se protegia, não gravitava na órbita da opinião das pessoas. Não revidava, não agredia, mas traçava projetos de vida.

Por causa dessas atitudes, uma revolução passo a passo ocorreu em sua vida. Começou a ser mais solto e extrovertido. Era um aluno regular, sem expressão, tímido e inseguro. Mas começou a fazer perguntas na sala de aula e a debater com os

professores o que não entendia. Todos ficaram impressionados com sua ousadia. Até suas notas melhoraram.

Paulo entendeu que bons alunos estão na escola para receber um diploma, mas alunos fascinantes estão para se preparar para a vida. Entendeu que os pais e professores podiam dar-lhe a caneta e o papel, mas só ele podia escrever a sua história.

No outro dia, presenteou Ronaldo com o livro *O vendedor de idéias* e escreveu uma frase do próprio livro:

Os frágeis querem controlar as pessoas, os fortes querem controlar o seu próprio ser. Descubra a sua verdadeira força.

Ronaldo agradeceu constrangido. Pela primeira vez, ficou mudo diante de Paulo. Alguns raios de luz entraram nos becos de sua personalidade diminuindo a sua arrogância, mas sua história ainda era uma incógnita. Ele teria de entender que o destino freqüentemente não é inevitável, mas uma questão de escolha. E ninguém poderia fazer as correções de suas rotas por ele.



Chegou o final do ano. A grande maioria dos alunos foi tão mudada na sua maneira de ver a vida e pensar, que a fez uma homenagem aos professores. Esses alunos encenaram uma peça teatral sobre quem são os profissionais mais importantes da sociedade. Encerraram a peça dizendo em coro:

Os professores são tão ou mais importantes que os psiquiatras, os juízes e os generais. Os professores lavram os solos da inteligência dos jovens para que eles aprendam a ser pensadores, para que eles não adoçam e sejam tratados pelos psiquiatras, para que eles não

cometam crimes e sejam julgados pelos juízes, para que eles não façam guerras e sejam comandados por generais.

Obrigado por transformarem a Escola dos Pesadelos na escola dos sonhos. Obrigado por nos fazer descobrir que os frágeis usam a força, os fortes, a inteligência, e principalmente obrigado por nos ensinar a nos apaixonar pela vida e pela humanidade e enxergar que acima de ser negros, brancos, ricos, miseráveis, celebridades, anônimos, religiosos e ateus somos seres humanos que devem valorizar a própria essência e respeitar as diferenças. Vocês mudaram nossas mentes, nós transformaremos o mundo...

Em seguida, entregaram um cartão a cada professor com o texto que recitaram. Os professores, diante dessa homenagem tão linda, se abraçaram profundamente comovidos e extasiados. Em seguida, fixaram-se na face do professor Romanov e disseram:

A escola de Beslan sofreu uma das maiores violências da história. Mas o rigor do inverno fez desabrochar muitas flores, entre elas o professor Romanov. Com ele, aprendemos que sem dinheiro o ser humano não compra mercadorias, mas sem educação o ser humano não sabe o seu valor, não sabe que a vida e a sabedoria não têm preço... Com ele, aprendemos que os professores são os sacerdotes da inteligência e a escola é o solo mais sagrado da sociedade, palco solene de paz...

Romanov agradeceu o imenso carinho. Com a voz pausada, fitou toda a platéia e, como se estivesse fitando todos os professores e jovens do mundo, disse-lhes:

— Eu não mereço essa homenagem. Tenho tantas falhas, medos, dificuldades. Sou apenas um simples mestre que sei que nada sei. Além disso, algumas pessoas dizem que falo doidices científicas e não sei como vocês são malucos de me ouvir.

A platéia sorriu. Realmente Romanov, como todo pensador, não era muito normal. Nesse momento, levantou a voz e recitou um poema filosófico que estava em sua mente:

**Somos professores? Muito mais!
Somos educadores? Mais ainda!
Somos vendedores de sonhos!
Vendemos sonhos para o abatido se animar,
Para o tímido ousar, para o ansioso se tranquilizar,
Para o poeta se inspirar e para o pensador criticar e
criar.**

**Sem sonhos, somos servos!
Sem sonhos, obedecemos ordens!
Que vocês, alunos, sejam grandes sonhadores!
E se sonharem, não tenham medo de caminhar!
E se caminharem, não tenham medo de tropeçar!
E se tropeçarem, não tenham medo de chorar.
Levantem-se, pois não há caminhos sem acidentes.
Dêem sempre uma nova chance para si mesmos.
Pois a liberdade só é real se, após falharmos,
Existir o direito de recomeçar...**

A platéia aplaudiu com entusiasmo. Em seguida, fitou seus colegas professores e recomendou:

— Nunca desistam de um aluno. Se investirmos nos jovens que hoje nos decepcionam, eles poderão no futuro nos surpreender e nos trazer sublimes alegrias...

Romanov suspirou, enxugou seus olhos, pediu desculpas e saiu antes de a festa acabar. Tinha de partir para outra escola dos pesadelos. Tinha de provocar a arte de pensar e fazer muitos outros conhecerem o mundo das idéias e dos sonhos.

Fim

OUTROS LIVROS DE AUGUSTO CURY

TREINANDO E EMOÇÃO PARA SER FELIZ

Nunca tivemos uma indústria de lazer tão grande e diversificada, mas o homem nunca foi tão triste e sujeito a tantas doenças psíquicas. Nada é tão belo e complexo quanto a emoção. Ela é capaz de tornar ricos em miseráveis e miseráveis em ricos. Não é simples navegar nas águas da emoção, mas você pode treinar a sua emoção para ser feliz e tranquilo, para gerenciar os pensamentos, superar a ansiedade e descobrir coragem na dor, força na fragilidade, lições nos fracassos. Felicidade não é um dom, é um treinamento.

12 SEMANAS PARA MUDAR UMA VIDA

12 Semanas para mudar uma vida é muito mais que um livro. É um Programa de Qualidade de Vida. Este livro traz um programa que apresenta ferramentas psicológicas que contribuem para educar a emoção, vencer o estresse e prevenir a ansiedade e outros transtornos psíquicos. São 12 leis da Psicologia trabalhadas com simplicidade para que possam ser amplamente aplicadas na vida diária, transformando o conhecimento em experiência, é uma prática existencial para ser exercitada por todos aqueles que querem conhecer o seu próprio ser e dar um salto na qualidade de vida.

SUPERANDO O CÁRCERE DA EMOÇÃO

É um livro apaixonante, esclarecedor, cujo objetivo é mostrar que a pior prisão é a que aprisiona a nossa emoção e nos impede de sermos livres e felizes. Quem é prisioneiro no âmago da sua alma, além de perder a liberdade de pensar, faz da sua vida um atoleiro de tédio e angústia. Superando o cárcere da emoção interessa aos que desejam compreender com profundidade o cárcere das drogas, as doenças psíquicas, os segredos do funcionamento da mente humana, e aos que almejam maior qualidade de vida e ser livres dentro de si mesmos.